

Eliete de Pinho Araujo  
María José López Rey  
Yone Roberta de Souza

AS **MULHERES** E A **IMPORTÂNCIA** DOS  
**CURSOS VOLTADOS PARA EXECUÇÃO DE OBRA**  
NO CAMPO DA CONSTRUÇÃO CIVIL COM ESTUDOS DE CASO



BIBLIOTECA DE REFERÊNCIA DE ARQUITETURA E URBANISMO

ISBN: 978-85-7267-199-6

**CEUB**  
EDUCAÇÃO SUPERIOR

**Autores**

Eliete de Pinho Araujo  
María José López Rey  
Yone Roberta de Souza

1ª Edição

**EQUIPE EDITORIAL****Reitor**

Rafael Mesquita Lopes

**Revisão gramatical e idioma**

Autores

**Normatização**

Biblioteca Reitor João Herculino

**Projeto gráfico**

Yone Roberta de Souza

**Coordenação geral acadêmica**

Prof. Dra. Eliete de Pinho Araujo

**Comissão técnico-científica**

1. Dra. Eliete de Pinho Araujo, Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, Brasil
2. Dra. María José López Rey, Universidade de Extremadura, Badajóz, Espanha
3. Dra. Aline Stefânia Kim, Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, Brasil

**O livro foi revisado e avaliado por pares.****Grupos de pesquisas**

Cidade e habitação, novas perspectivas – CEUB, coordenação Eliete de Pinho Araujo  
Grupo de Estudos Territoriais - Universidade da Coruña, coordenação Manuel García  
Docampo

**Linhas de pesquisas**

Cidade, infraestrutura urbana, tecnologia e projeto  
Teoria, História e Projeto de Habitação  
A Cidade e a Saúde com Interfaces no Espaço Urbano e no Edifício

Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br>

ARAUJO. Eliete de Pinho  
REY. María José López  
SOUZA. Yone Roberta de

As mulheres e a importância dos cursos voltados para execução de obra no campo da construção civil com estudos de caso / Eliete de Pinho Araujo / María José López Rey / Yone Roberta de Souza – Brasília, 2024.

**ISBN: 978-85-7267-199-6**

109 f.

1. Mulheres 2. Construção civil 3. Cursos

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Eliete de Pinho Araujo**

Pós-doutora pela Universidade da Coruña – Espanha, Doutora em Saúde Pública, ENSP - FIOCRUZ (2008 - Capes nível 6), Mestre em Planejamento Urbano - Tecnologia FAU UnB (1999), arquiteta graduada pela FAU--UFRJ (1976). Licenciatura em Educação Física pela Faculdade Dom Bosco (1989). Arquiteta da Secretaria de Saúde SES-DF, Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo, FATECS-CEUB. Coordenadora do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do CEUB. Coordenadora do grupo de pesquisa Arquitetura, Qualidade Ambiental, Eficiência e Saúde, com ênfase nas linhas de pesquisa Arquitetura e suas Particularidades, Qualidade Verde, Retrofit e APO - Conforto Ambiental e Conservação de Energia e Cidade Sustentável no Terceiro Milênio e do grupo Cidade e Habitação, Novas Perspectivas, com 3 linhas de pesquisa “Cidade, infraestrutura, tecnologia e projeto”, “Teoria, história e projeto de habitação” e “A Cidade e a Saúde com Interfaces no Espaço Urbano e no Edifício”. Pesquisadora do grupo Prática Pedagógica e Formação de Professores. É professora nível doutorado do Centro de Ensino Universitário de Brasília, professora do Curso de Especialização em Arquitetura de Sistemas de Saúde, professora de Curso de Especialização em Gestão em Saúde e Administração Hospitalar e gerente da Pinho & Rodrigues Arquitetos Associados ([www.pinhoerodrigues.com.br](http://www.pinhoerodrigues.com.br)). Avaliadora de revistas nacionais e internacionais. Trabalha em parceria em publicações com profissionais internacionais de Londres, da Itália e da Espanha. Trabalha com os temas: sustentabilidade, conforto, avaliação pós-ocupação, saúde, educação, projetos de arquitetura e de instalações hospitalares e prediais. Pesquisadora e orientadora de alunos de graduação, de ensino médio, de pós-graduação e de mestrado. Pesquisadora Ad hoc da FAPDF. Membro de comitê técnico científico de congressos, simpósios e seminários nacionais e internacionais. Membro de bancas de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado. Membro de associações, conselhos.

E-mail: [eliete.araujo@ceub.edu.br](mailto:eliete.araujo@ceub.edu.br)

Link CV: <http://lattes.cnpq.br/8958239079490571>

### **María José López Rey**

Licenciada em Sociologia pela Universidade da Corunha (1996) e doutorada em Biomedicina pela Universidade da Extremadura (2015). É professora na Universidade da Extremadura desde 2004, onde ministra aulas de Sociologia do Género e Sociologia da Educação, na Faculdade de Educação e Psicologia, onde coordena a Licenciatura em Educação Infantil. Possui mestrado em Gestão e Administração de Universidades e faz parte de diversas comissões governamentais. É membro do Conselho Consultivo dos Serviços Sociais do Governo da Extremadura e membro da Comissão para a Igualdade da Universidade da Extremadura. Como investigadora trabalhou em diferentes departamentos da Universidade da Corunha, nas áreas de Sociologia da Saúde e Sociologia do Território. Na Universidade da Extremadura desenvolve o seu trabalho de investigação na área da Educação, com trabalhos muito relevantes em Inovação Educacional como o publicado na prestigiada revista *Computers and Education: Gamification in higher education: The ECON+ star battles*. Desde 2017 colabora regularmente com o CEUB em diversas atividades de ensino e investigação. Organizou vários Programas Internacionais de Formação Conjunta entre a Universidade da Extremadura ou a Universidade da Corunha e o CEUB: Cidade e habitação numa perspectiva sociológica. Sustentabilidade, conforto ambiental e buscas bioclimáticas (2018 e 2019), Pontes que ligam territórios. Uma viagem ao território galego (2023). Da mesma forma,

colaborou nos diversos Seminários Internacionais da Cidade e Habitação do CEUB (2017-2024).

Email: mane@unex.es

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9932-5029>

### **Yone Roberta de Souza**

Graduada em ARQUITETURA E URBANISMO pela Faculdade de Ciências Humanas Esuda (2005) - PE. Pós-Graduada em DOCÊNCIA E GESTÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA pela Faculdade Unyleya (2020) - DF. Mestre em ARQUITETURA E URBANISMO - CEUB (2024) - DF. Ampla experiência na área de Arquitetura e Urbanismo e atuando com projetos na área residencial, comercial e hospitalar, execução de obra, gerenciamento da obra. Medição de obra, licitações e consultorias. Diretora Administrativa e Financeira do Sinarq-DF e Coordenadora (Sindicato dos Arquitetos de Brasília), dando destaque a Preservação de Brasília e seu crescimento desordenado. (2011-2017). Conselheira Suplente do CAU-DF (Conselho de Arquitetura e Urbanismo) atuando à frente da Comissão de Equidade de Gênero. (2017-2020). Professora substituta contratada do IFB - (INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA), atuando no projeto Mulheres na Construção, programa esse focado para inclusão social. Professora de monografia e ética profissional da Escola de Design Élide Barros. A monografia da minha graduação trouxe o tema de Preservação do Patrimônio Histórico, com a proposta de intervenção de uma grande área portuária no Recife, Cais José Estelita, trabalhando linha de Justaposição.

E-mail: mestrayoneroberta@gmail.com

Link CNPQ: <https://lattes.cnpq.br/9361012232880467>

## RESUMO

Este livro apresenta uma análise sobre estudo de casos de cursos de execução na construção civil e voltados para a mulher. A construção civil está passando por uma transformação significativa e as mulheres estão liderando esse movimento. De acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego, nos últimos anos, a presença feminina nesse setor aumentou em cerca de 50%. Atualmente, mais de 200 mil mulheres ocupam cargos nos escritórios de engenharia, indústrias e canteiros de obras. No universo da construção civil, as mulheres estão desafiando estereótipos e deixando sua marca em um setor historicamente dominado por homens. É inspirador observar a crescente presença feminina nos canteiros de obras, refletindo não apenas uma mudança na força de trabalho, mas também nos processos educacionais. Desse modo, existem mais mulheres buscando cursos profissionalizantes e de graduação na área. Com isso, elas estão assumindo papéis de destaque em diversas áreas do setor, contribuindo para o crescimento e a inovação da construção civil. O objetivo desse estudo é demonstrar que a mulher tem a capacidade intelectual e física de aprendizado em áreas de exclusividade masculina. A metodologia traz vários pontos, entre estes a questão histórica do papel da mulher, a mulher na sociedade e sua relação com a cidade, o espaço e a área de atuação na construção civil. Um breve histórico de mulheres que fizeram a diferença nessa área predominantemente masculina, com três estudos de caso, que foram escolhidos como os precursores a atuarem nessa linha no Brasil, e entrevistas de ex-alunas que participaram de curso voltado nesse perfil profissional. Convém também abordar vários temas nesse processo chamado globalização, com suas influências e perspectivas, junto com as questões como a Covid-19, que inclusive retratam que as mulheres acumularam serviços com suas obrigações e assim repensaram a questão da formação acadêmica ou técnica, tanto na área de estudo superior quanto na área de aperfeiçoamento profissional para que essa mulher ativa se torne completa, tanto como profissional liberal como autônoma. Com resultados positivos que corroboram na questão da implantação desses cursos e a importância da fomentação dos mesmos. Nas conclusões são apresentadas a viabilidade e a importância dos cursos para a execução de obra na construção civil, inclusive com uma proposta, que abrange não só para a manutenção das mães solo, ou questões financeiras como o sustento, ou como uma área em expansão na qual as mulheres têm a total capacidade de desenvolver de forma plena e também tratar a autossuficiência em momentos em que a mulher precisa resolver problemas voltados na área da construção civil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher, Construção Civil, Cidade.

## ABSTRACT

This book presents an analysis of case studies of execution courses in civil construction and aimed at women. The construction industry is undergoing a significant transformation and women are leading this movement. According to data from the Ministry of Labor and Employment, in recent years, the female presence in this sector has increased by around 50%. Currently, more than 200,000 women hold positions in engineering offices, industries and construction sites. In the construction industry, women are defying stereotypes and making their mark in a sector historically dominated by men. It is inspiring to observe the growing female presence on construction sites, reflecting not only a change in the workforce, but also in educational processes. Therefore, there are more women seeking professional and undergraduate courses in the area. As a result, they are taking on prominent roles in various areas of the sector, contributing to the growth and innovation of civil construction. The objective of this study is to demonstrate that women have the intellectual and physical capacity to learn in areas that are exclusive to men. The methodology brings up several points, including the historical issue of the role of women, women in society and their relationship with the city, space and the area of activity in civil construction. A brief history of women who made a difference in this predominantly male area, with three case studies, which were chosen as the precursors to work in this line in Brazil, and interviews with former students who participated in a course focused on this professional profile. It is also appropriate to address various themes in this process called globalization, with its influences and perspectives, along with issues such as Covid-19, which even portray that women accumulated services with their obligations and thus rethought the issue of academic or technical training, both in area of higher education and in the area of professional development so that this active woman becomes complete, both as a self-employed and self-employed professional. With positive results that corroborate the issue of implementing these courses and the importance of promoting them. The conclusions present the feasibility and importance of courses for carrying out work in civil construction, including a proposal that covers not only the maintenance of solo mothers, or financial issues such as sustenance, or as an expanding area in which women have the full capacity to fully develop and also achieve self-sufficiency at times when women need to solve problems related to the construction industry.

**KEYWORDS:** Woman, Civil Construction, City.

## RESUMEN

Este libro presenta un análisis de casos de estudio de cursos de ejecución en construcción civil y dirigidos a mujeres. La industria de la construcción está experimentando una importante transformación y las mujeres están liderando este movimiento. Según datos del Ministerio de Trabajo y Empleo, en los últimos años la presencia femenina en este sector ha aumentado alrededor de un 50%. Actualmente, más de 200.000 mujeres ocupan puestos en oficinas de ingeniería, industrias y obras de construcción. En la industria de la construcción, las mujeres están desafiando los estereotipos y dejando su huella en un sector históricamente dominado por los hombres. Es inspirador observar la creciente presencia femenina en las obras de construcción, lo que refleja no sólo un cambio en la fuerza laboral, sino también en los procesos educativos. Por lo tanto, hay más mujeres que buscan carreras profesionales y de pregrado en el área. Como resultado, están asumiendo roles destacados en diversas áreas del sector, contribuyendo al crecimiento y la innovación de la construcción civil. El objetivo de este estudio es demostrar que las mujeres tienen la capacidad intelectual y física para aprender en áreas exclusivas de los hombres. La metodología plantea varios puntos, entre ellos la cuestión histórica del papel de la mujer, la mujer en la sociedad y su relación con la ciudad, el espacio y el ámbito de actividad en la construcción civil. Una breve historia de mujeres que marcaron la diferencia en esta área predominantemente masculina, con tres estudios de caso, que fueron elegidos como precursores para actuar en esta línea en Brasil, y entrevistas con exalumnas que participaron de un curso enfocado en ese perfil profesional. También corresponde abordar diversos temas en este proceso llamado globalización, con sus influencias y perspectivas, junto con temas como el Covid-19, que incluso retrata que las mujeres acumularon servicios con sus obligaciones y así repensaron el tema de la formación académica o técnica. tanto en el ámbito de la educación superior como en el ámbito del desarrollo profesional para que esta mujer activa se vuelva completa, tanto como trabajadora por cuenta propia como profesional por cuenta propia. Con resultados positivos que corroboran el tema de implementar estos cursos y la importancia de promocionarlos. Las conclusiones presentan la viabilidad e importancia de cursos para la realización de trabajos en construcción civil, incluyendo una propuesta que abarque no sólo el mantenimiento de madres solteras, ni temas económicos como el sustento, o como un área en expansión en la que las mujeres tengan plena capacidad de desarrollarse plenamente y también alcanzar la autosuficiencia en momentos en que las mujeres necesitan resolver problemas relacionados con la industria de la construcción.

**PALABRAS CLAVE:** Mujer, Construcción Civil, Ciudad.

## PREFÁCIO

É um pouco assustador ter a responsabilidade de escrever o prólogo de um livro de três autoras comprometidas em criar espaços inclusivos, equitativos e conciliatórios em relação à sobrecarga de papéis que as mulheres muitas vezes têm que assumir em nossas sociedades. É um exercício de empatia da posição de um homem que anseia que o progresso seja feito em um ritmo mais rápido. E se alguém tiver dúvidas de que ainda há um longo caminho a percorrer, bons argumentos podem ser encontrados nas páginas deste livro. De fato, o setor da construção civil, incluindo a engenharia civil, é um exemplo claro desse atraso, tanto no Brasil como na maioria dos países, de Leste a Oeste.

Segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), divulgados pelo Ministério do Trabalho do Brasil, em 2021, 10,85% da força de trabalho da construção civil era feminina, 251 mil mulheres de um total de 2,3 milhões. A porcentagem de mulheres trabalhando como engenheiras civis no Brasil pode ser estimada em cerca de 20% do total de engenheiros civis e, embora essa parcela esteja crescendo, isso ocorre lentamente, a uma taxa de 1% ao ano, como pode ser visto nos dados das PNADs. No entanto, o número de mulheres estudando engenharia civil sobe para 30% do total de alunos e alunas matriculadas<sup>1</sup>.

Isso acontece em todos os cursos de STEM (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática) e PECS (Física, Engenharia e Ciência da Computação). No Brasil, segundo o segundo levantamento da relação de profissionais por gênero do Conselho Federal de Engenharia e Agricultura (Confea), o número de profissionais ativos registrados é de 1.065.143. Destes, apenas 208.148 são mulheres, o que representa 19,54% do total de profissionais.

Mesmo em países com uma longa tradição de políticas de gênero, como Noruega, esses tipos de desigualdades podem ser observados no mercado de trabalho. Na verdade, o caso deste país nórdico tem sido chamado de “paradoxo norueguês”, um exemplo claro de que algo não está funcionando como esperado. Assim, apesar de todas as políticas de promoção, conciliação e quotas obrigatórias, na Noruega, país que ocupa, segundo as Nações Unidas, a 2ª posição no ranking dos países com maior igualdade de gênero, a seguir à Islândia, a porcentagem de mulheres em engenharia permanece em 20%.

Alguns analistas sugeriram que esse paradoxo pode ser parcialmente explicado pelo fato de que essas profissões de alto status e altas remunerações agora são ocupadas por homens, criando uma competição na qual as mulheres perdem devido à sobrecarga de papéis<sup>2</sup>. De fato, dados de uma pesquisa realizada pelo Banco Nacional de Emprego (BNE) identificaram cargos que apresentam diferença salarial ainda maior entre os gêneros. O cargo de engenheiro civil, por exemplo, tem uma diferença salarial de 38,6%. Outra posição que faz uma diferença maior que a média é a de gerente de projetos, com 36%. Outro desafio está relacionado ao

---

<sup>1</sup> Lombardi, M. R. (Coord.), Mandeta, F., & Moro A. (2019). *Engenharia, trabalho e relações de gênero na construção de habitações*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

<sup>2</sup> Samper-Gras, T. (2022). A lo importante, ya van ellos. Una propuesta contextual desde los nuevos materialismos para comprender por qué hay tan pocas mujeres en ciencias técnicas. *Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia*, (17), 209-231.

tempo de qualificação profissional entre gêneros. Segundo dados do IBGE, as mulheres têm um tempo médio de estudo de 8,1 anos, enquanto os homens têm um tempo de 7,9 anos, em uma área geral. Ou então, as mulheres precisam estudar mais para conseguir a mesma posição que os homens.

A resistência à maior participação feminina no setor da construção civil também tem sido explicada por outras causas, tanto culturais quanto biológicas. Em parte, observa-se que países com menor desenvolvimento econômico (e menor igualdade de gênero), como Argélia, Tunísia ou Emirados Árabes Unidos, registram percentuais de mulheres em carreiras técnicas com valores superiores a 35%. Em um país como a Índia, que não é muito favorável à igualdade de gênero, o número de mulheres estudando carreiras científicas e técnicas chega a 43%. A explicação para esse “paradoxo norueguês” (ou nórdico, como Stoet e Geary<sup>3</sup> o chamaram) é entender que em países onde as mulheres veem os estudos universitários como uma saída da pobreza, uma parcela maior delas opta por carreiras que oferecem mais oportunidades. Isso explicaria por que na Índia, que se tornou uma potência mundial no setor de terceirização de TI, muitas meninas escolhem TI como carreira. Entretanto, em países como os países nórdicos, onde qualquer diploma universitário leva a um bom padrão de vida, as meninas preferem seguir suas inclinações e estudar ciências humanas e biomédicas. Também foram mencionados argumentos biológicos, segundo os quais as diferenças entre homens e mulheres não são meramente culturais, mas que, como resultado da evolução, as mulheres desenvolveram mais as áreas cerebrais relacionadas com a linguagem e a empatia, o que as torna estatisticamente jovens: as meninas têm uma inclinação maior para estudos relacionados às ciências sociais e ao cuidado com os outros.

Em todo o caso, se quisermos ultrapassar a lacuna que se reflete nos dados sobre a participação das mulheres nas áreas STEM, podemos continuar a apoiar políticas que proporcionem uma pedagogia cultural mais neutra, em que todas as pessoas possam aspirar aos mesmos objetivos profissionais, tendo em conta cuidado com desvios das empresas contratantes, que podem ter preferências culturais não baseadas em qualificações. Também é importante criar ambientes de trabalho menos hostis para as mulheres, sem assédio ou agressão de qualquer natureza, bem como maior divulgação dos resultados gerados pelo trabalho feminino.

Este livro é precisamente um exemplo nesse sentido. Promove o trabalho das mulheres no setor de engenharia civil e construção. Projetos como o “Concreto Rosa”, empresa que realiza todo o tipo de obras de construção civil totalmente por mulheres; ou o projeto “Mãos na Massa”, que capacitou centenas de mulheres para qualificá-las como trabalhadoras daquele setor. Ou a visibilidade de engenheiros brasileiros como Lino Bo Bardi ou Evelynna Bloem Souto. Exemplos que servem para mostrar casos bem-sucedidos de mulheres em um setor tão masculinizado.

Manuel García Docampo  
Universidade da Coruña

---

<sup>3</sup> Stoet, G., & Geary, D. C. (2018). The gender-equality paradox in science, technology, engineering, and mathematics education. *Psychological science*, 29(4), 581-593.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Análise do IBGE sobre empregados com carteira assinada.....	42
Figura 2 - Análise do IBGE dos setores aonde possui maior presença feminina.....	43
Figura 3 - Taxa de participação no Mercado de trabalho – 2017, segundo o IBGE.....	44
Figura 4 - Taxa de participação no Mercado de trabalho – 2018, segundo o IBGE.....	44
Figura 5 - Cartografia da Ponte de Brooklyn 1869.....	54
Figura 6 - Imagem da ponte de Brooklyn atualizada.....	55
Figura 7 - Emily Warren Roebling after receiving her law certificate in 1899.....	56
Figura 8 - Nora e a filha Rhoda, em 1941.....	57
Figura 9 - Imagem da Nora participando de movimentos feministas.....	57
Figura 10 - Um retrato de Nora Stanton Barney por Fran Becque, Ph.D.....	58
Figura 11 - Enedina Alves Marques ganha ainda mais destaque por ter sido a primeira mulher negra a se tornar engenheira no país.....	59
Figura 12 - Imagem Lina Bo Bardi.....	59
Figura 13 - Museu de Arte de São Paulo – MASP.....	61
Figura 14 - Museu de Arte de São Paulo – MASP.....	61
Figura 15 - Lina Bo Bardi no Sesc Pompeia, em São Paulo (SP), projetado por ela em 1986.....	62
Figura 16 - Evelyn Bloem Souto na USP .....	63
Figura 17 - Evelyn Bloem Souto.....	63
Figura 18 - Carmem Portinho 1903-2001.....	64
Figura 19 - Fotografia da Carmen Portinho em visita à obra.....	65
Figura 20 - Lúcio Costa e Carmen Portinho.....	66
Figura 21 - Foto Francesc Polop da Zaida Muxí Martínez, Barcelona, 2018.....	67
Figura 22 - Mextrópolis 2022: Conversa com Zaida Muxi sobre arquitetura, urbanismo e gênero.....	69
Figura 23 - Intervenções urbanísticas sob a perspectiva de gênero, Praça das Mulheres de Nou Barris junto à habitação social coletiva.....	69
Figura 24 - Foto Francesc Polop da Zaida Muxí Martínez, Barcelona, 2018.....	70
Figura 25 - Mextrópolis 2022: Conversa com Zaida Muxi sobre arquitetura, urbanismo e gênero.....	70
Figura 26 - Intervenções urbanísticas sob a perspectiva de gênero, Praça das Mulheres de Nou Barris junto à habitação social coletiva.....	72

Figura 27 - Vista em canteiro de obra.....	73
Figura 28 - Imagem de aula prática.....	74
Figura 29 - Imagem de aula prática em canteiro de obra.....	75
Figura 30 - Imagem de aula prática.....	76
Figura 31 - Imagem da Engenheira Deise .....	76
Figura 32 - Imagem de profissional da equipe Concreto Rosa .....	78
Figura 33 - Serviços oferecidos pela Concreto Rosa.....	78
Figura 34 - Serviços oferecidos pela Concreto Rosa.....	79
Figura 35 - Serviços oferecidos pela Concreto Rosa.....	80
Figura 36 - Geisa Garibaldi - Fundadora da Concreto Rosa.....	80
Figura 37 - A Concreto Rosa também faz parte de oficinas que oferecem capacitações para mulheres trabalharem no setor da construção civil.....	81
Figura 38 - Bia Kern Fundadora da Mulher em Construção.....	82
Figura 39 - Entrega de diplomas do curso de capacitação.....	83
Figura 40 - Curso de Pintura.....	83
Figura 41 - Conteúdo trabalhado nos cursos.....	84
Figura 42 - Vista em canteiro de obra .....	84
Figura 43 - Conteúdo trabalhado nos cursos .....	85
Figura 44 - Curso de capacitação cimento e batom .....	85
Figura 45 - Divas na Construção civil .....	86
Figura 46 - Imagem do selo rosa .....	86
Figura 47 - Imagem da formatura da terceira e última turma do curso Mulheres na Construção – 2012.....	87
Figura 48 - Foto atuando com pinturas especiais .....	88
Figura 49 - Foto atuando com pintura de fachada comercial .....	89
Figura 50 - Foto atuando .....	89
Figura 51 - Foto executando pintura.....	90
Figura 52 - Foto com a professora Yone Roberta .....	90
Figura 53 - Foto em tempos de curso .....	91
Figura 54 - Foto do primeiro dia na sala de aula com a professora Yone Roberta, que pedia para falarmos quem somos, o que fazemos e que queríamos nesse curso.....	92
Figura 55 - Foto da camiseta do curso.....	92
Figura 56 - Foto do Certificado do curso.....	93

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SINDUSCOM-DF - Sindicato da Indústria da Construção Civil do Distrito Federal

IPEDF - Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal

SMDF - Secretaria de Estado da Mulher do Distrito Federal

SEDET-DF - Programa da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Renda

FECOMÉRCIO-DF - Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Distrito Federal

GDF - Governo do Distrito Federal

CREA - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

EESC - Escola de Engenharia de São Carlos

IAB - Instituto de Arquitetos do Brasil

CAU/BR - Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil

CAU - Conselho de Arquitetura e Urbanismo

CLT - Consolidação das Leis de Trabalho

CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal

ONU - Organização das Nações Unidas

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes

## SUMÁRIO

1	Introdução.....	30
1.1	Problemas da pesquisa.....	33
1.2	Justificativa.....	34
1.3	Objetivos.....	34
1.3.1	<i>Objetivo Geral</i> .....	34
1.3.2	<i>Objetivos Específicos</i> .....	34
1.4	Hipóteses.....	34
1.5	Fundamentação teórica.....	34
1.6	Metodologia.....	35
2	Desenvolvimento.....	36
2.1	O mercado de trabalho e a construção civil.....	40
2.2	Transformando nosso mundo.....	49
2.3	As mulheres influentes no campo da construção civil.....	53
3	Estudos de caso.....	72
3.1	Estudo de caso 01.....	73
3.2	Estudo de caso 02.....	77
3.3	Estudo de caso 03.....	81
4	Diagnóstico.....	94
5	Análise Comparativa.....	95
6	Proposta e Limitações da Pesquisa.....	99
7	Resultados.....	101
8	Conclusões.....	102
	Referências.....	103
	Anexos.....	106

## 1. INTRODUÇÃO

O que é a cidade? Compreender o essencial das metrópoles capitalistas com suas contradições das pequenas cidades em lugares longínquos e qual a importância da cidade e a participação da mulher nesse contexto, atuando como agente principal e regendo sua vida profissional no contexto sexista e cheio de obstáculos trazido como exemplo a área da Construção Civil.

O espaço urbano deixou assim de restringir um conjunto denso e definido de edificações para significar de maneira mais ampla a predominância da cidade sobre o campo, periferias subúrbios, distritos industriais, estradas e vias expressas que recobrem e absorvem zonas agrícolas no movimento incessante de urbanização.

Em publicação realizada pela Revista Brasileira de Estudos Urbanos e regionais, escrita por Fernanda Sánchez (2001) retrata que o livro *A cidade do pensamento único*, 2000, é o campo da reflexão e confronto de ideias, da boa teoria entendida, aqui, como a melhor prática, o escolhido por eles para atraparhar unanimidades cristalizadas e submeter aparentes paradigmas a agudos questionamentos. A novidade está, justamente, na proposta de debate sobre a natureza das mudanças no planejamento e na gestão das cidades na virada do século, proposta ousada, uma vez que tal debate parecia definhando junto com o trabalho teórico, dobrados diante da aparente inexorabilidade da realidade que fundamenta a prática trivializada.

Entre os autores percebem-se perspectivas analíticas e ênfases diferenciadas, com um livre deslocamento entre as áreas do urbanismo, planejamento, sociologia, ciência política e filosofia, diferenças e movimentos que contribuem significativamente para a riqueza da obra.

Há, porém, um movimento reflexivo que confere unidade teórica aos diversos ensaios: a atual hegemonia do capitalismo global, ao mesmo tempo que induz alinhamentos na esfera econômica, atinge em cheio o cerne dos processos de constituição e legitimação de paradigmas. Nesse sentido, os autores dão relevância analítica à mútua dependência entre materialização e simbolização, que, segundo eles, constrói as possibilidades históricas de efetivação dos interesses globais e seus agentes na nova espacialidade urbana. De fato, o universo de temas urbanos e a escolha daqueles problemas apresentados como relevantes parecem profundamente reconfigurados nos últimos anos, perfilando uma verdadeira revolução simbólica.

Os autores promovem a tarefa de desvendar criticamente quais os sentidos dessa revolução na afirmação do capitalismo periférico em sua face urbana: os valores e visão de

mundo que vêm sendo fixados, os sujeitos e as instâncias de enunciação de discursos, a geografia da difusão dos mesmos, a construção de consensos, e como tais sentidos estabelecem as bases cognitivas para a reformulação de políticas, práticas de administração das cidades e práticas urbanísticas.

O ensaio de Arantes vai além e mostra, junto àquelas intervenções urbanísticas que produzem materialmente essa fase da modernização, outras dimensões do casamento entre cultura e economia, as quais imprimem novos valores às práticas de gestão: é a cidade pensada e administrada como uma empresa que compete no mercado global, é a cidade empreendedora, a “máquina do crescimento”, na expressão de Molotch, a qual conjuga governos e coalizões das elites econômicas num amplo leque de negócios, com suas fabulações correlatas da geração de empregos e com suas metáforas do bolo que cresce e derrama sua graça a todos os cidadãos; é a cultura da gestão eficiente e da qualidade total na prestação de serviços, como caminhos que desembocam numa concepção precisa, e instrumentalizada, de cidadãos como consumidores da cidade.

O modelo generalizou-se, virou receita difundida mundo afora. A cidade, transformada em mercadoria, é posta em circulação e, mediante imagens que operam a serviço dessa visão mercadológica, são descortinados seus atrativos comerciais, turísticos e culturais, na busca de atração de investimentos. Para dentro da cidade, a mercadotecnia urbana gera uma visão de cidadania que assalta, principalmente, os próprios cidadãos. Seduzidos pelo catálogo de espaços “renovados” e pelo discurso da eficiência administrativa que estaria trabalhando a seu favor, eles encontram poderosas barreiras, culturais e políticas, à sua expressão em movimentos de resistência ou à participação em ações críticas, pois essas costumam ser esvaziadas, tomadas como manifestações de “desamor à cidade”.

Carlos Vainer vê na instauração da cidade empresa uma negação radical da cidade enquanto espaço político, de construção da cidadania; aponta para um encolhimento radical do espaço público, uma total subordinação do poder público às exigências do capital internacional com interesses localizados. Em sua construção teórica, ele mostra as imbricações entre cidade-empresa e cidade-pátria: a produtivização e o consenso, bases permanentes para a cooperação público-privada, a cidade unificada sem brechas, tratada como um bloco em torno de um projeto único que, só assim, será vitorioso.

A tendência à despolitização é também identificada pelo autor na redução da questão do governo da cidade à estreita questão da competência técnica de seus administradores, cuja manifestação é perceptível, tanto nas práticas de planejamento quanto na produção teórica dessas práticas. O consenso construído em volta da cidade mercadoria é desafiado, também,

por Ermínia Maricato, cujo ensaio se encarrega de mostrar o que não entra nas contas do urbanismo de resultados e seus espaços de distinção: o crescimento exponencial da cidade ilegal, a enorme expansão espacial da pobreza, a violência urbana, a exclusão.

Ainda retrata no livro *A cidade do pensamento único* (2000), que a dissimulação e o desconhecimento a respeito da cidade ilegal mostram a falta de vontade política de enfrentar a questão da propriedade da terra, um nó na sociedade brasileira que Maricato se encarrega de sublinhar por meio da análise das leis e planos urbanos e sua ineficácia, quando contrariam interesses de proprietários imobiliários, ou quando o assunto são os direitos sociais.

Para fazer frente à incorporação de modelos e representações reificadas, a autora propõe uma pauta de pontos e propostas que abrem uma brecha para processos de planejamento que se pretendam socialmente inclusivos e democráticos.

Uma contribuição corajosa que pode alimentar projetos transformadores e que, no contexto de discussão teórica e política do livro, tem um papel destacável: chamar a atenção para o fosso que separa as atuais orientações das políticas urbanas, tornadas dominantes, e as orientações possíveis de projetos urbanos alternativos, baseados na construção da igualdade, da cidadania plena e da justiça social.

O desenho de tal marca é uma afirmação política da hegemonia do pensamento e ação sobre as cidades, contra a qual os autores se situam, a desafiar a aparente inexorabilidade dos cenários que ele aponta. Para finalizar, uma nota: a acolhida que essa obra vem recebendo mostra que o esgotamento do debate é apenas aparente. Ele pode até refletir uma estratégia construída no campo da disputa simbólica: fazê-lo parecer esgotado. Na contracorrente, o debate mostra sua vitalidade e sua potencialidade na reinserção de projetos capazes de disputar a hegemonia na cidade entendida como “pólis”, reinventada como espaço do exercício democrático da política.

Refletir assuntos como o citado pela própria Frederick, (2019) em seu livro o ponto zero a questão das perdas das ilusões das mulheres e a única saída que foi reinventar novas formas de vida e reprodução, trazer de forma ampla o quanto o capitalismo utiliza o trabalho não remunerado das mulheres para acumular valor e continuar existindo.

Entender o desenvolvimento da vida das mulheres a condição, a esfera o seu lugar na cidade e arquitetura traz uma busca sobre os processos dessa apropriação de espaço urbano, cujo o foco são as mulheres que conquistaram ao longo dos tempos trajetórias influentes em várias cidades inclusive no Brasil na área da Construção Civil e Arquitetura.

A mulher para ser compreendida também tem que estar contextualizada no processo da construção das classes e aí verificamos que essa primeira pressão de classes é a dominação

da mulher pelo homem principalmente em várias áreas profissionais, nesse ponto trago a construção civil como execução de obra. Na história das mulheres a cidade é um espaço em que se evidencia sua presença, suas discriminações são exacerbadas as mesmas que elas enfrentam no espaço privado como sua constante desqualificação.

Observar e analisar um conjunto de casas, prédios, vilas, povoados, vias de tráfegos, ruas, avenidas, bairros o que é uma cidade? As primeiras surgiram apenas 5000 anos e de lá para cá muita coisa mudou, referências do que é a cidade o que existe em comum e essencial entre elas desde das metrópoles capitalistas com suas contradições até pequenas cidades em lugares longínquos e qual a importância da cidade e a participação da mulher nesse contexto, atuando como agente principal e regendo sua vida profissional?

Analisar que a cidade e a arquitetura estão sempre ligadas porque existe construção, existe intervenção em pequenos espaços ou em grandes espaços de convívio ou particular são dois assuntos que entrelaçaram com grandes significados em suas expressões a cidade arquitetura e a mulher nesse contexto.

Entender o desenvolvimento da vida das mulheres, a condição, a esfera, o seu lugar, a cidade e a arquitetura traz uma busca sobre os processos que intervêm dessa apropriação de espaço urbano. Mulheres que conquistaram ao longo dos tempos trajetórias influentes em várias cidades inclusive no Brasil.

## 1.1 Problema da Pesquisa

A presença das mulheres na construção está se tornando cada vez maior. Apesar de ainda ser um setor dominado pelos homens, pesquisas evidenciam que a força de trabalho feminina aumenta a cada ano nos escritórios de engenharia civil e canteiros de obra do Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve um aumento de 120% no número de mulheres trabalhando no setor de 2007 a 2018. 8 de mar. De 2021.

## 1.2 Justificativa

A escolha do tema e dos objetos de estudo de caso deu-se a importância das mulheres na manutenção financeira familiar e com um mercado amplo que pode ser utilizado para seus objetivos e vários fins na área da construção civil.

## 1.3 Objetivos

### *1.3.1 Objetivo Geral*

Fomentar o desenvolvimento dos cursos de capacitação direcionados para mulheres na área da construção civil, estimulando assim a contratação por empresários ou população comum.

### *1.3.2 Objetivos específicos*

1. Relatar um breve histórico das mulheres na área da construção civil.
2. Fornecer estudos de caso para aperfeiçoamento profissional na área da construção civil.
3. Debater as questões que compreendem as mulheres e o espaço de trabalho no desenvolvimento profissional e acadêmico.

### 1.4 Hipóteses

O papel profissional da mulher não tem limites. Sua capacidade de aprendizado e adaptação ao meio surpreende em todos os aspectos. Uma mulher consegue atuar na área construção civil, um ambiente outrora altamente machista e patriarcal, sendo vista e percebida como uma profissional e superando um ambiente predominantemente masculino, cheio de barreiras e preconceitos.

O que pode ser feito para diminuir ou retratar essas diferenças no que se refere a cursos de capacitação e compreender que a mulher é força técnica comprovada, intelectualmente já atestada em várias áreas.

### 1.5 Fundamentação Teórica

As autoras Daniela Pareja & Flavia Andressa (2020), que retratam uma crítica de forma bibliográfica e histórica sobre o papel da mulher numa cidade em seu texto cidades inclusivas para as mulheres da história às transformações no espaço cidade, é possível ver que a imposição patriarcal fez e ainda faz parte no impedimento do desenvolvimento da mulher e seus objetivos.

Segundo Kern (1975), em seu livro “Cidade feminista, a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens” as mulheres sempre foram vistas como um problema para a cidade moderna.

Segundo a ONU (2015) “Reconhecemos que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. Todos os países e todas as partes interessadas, atuando em parceria colaborativa, implementarão este plano.”

Reis, (2020), cita que se considerarmos que a arquitetura é uma construção social, então podemos refletir sobre o que a ausência sintomática da mulher na profissão sugere sobre a nossa cultura e os princípios que regulam a produção do espaço e da disciplina. Sendo assim, há uma urgência em se falar das contribuições de arquitetas para a história e para a arquitetura contemporânea e discutir como a divisão sexual do trabalho opera na profissão, impedindo que as arquitetas conquistem espaços de visibilidade e reconhecimento.

Em sua tese de doutorado Oliveira (2014) traz uma visão conceituando a metodologia de planejamento urbano e dos projetos arquitetônicos do ponto de vista de gênero, criticando qual a situação e como a mulher está localizada nesse contexto, segundo seu tema que se chama a Cidade e a Arquitetura também mulher, retrata a importância dessa inclusão do espaço e da mulher contextualizada e bem resolvida.

Mujeres, casas y ciudades. Más allá del umbral, de Zaida, (2018), propõe uma reescrita da história da arquitetura e planejamento urbano baseado nas contribuições feitas por mulheres que foram silenciados nas principais histórias. Além disso, fazê-lo a partir de uma posição feminista implica necessariamente a desconstrução da historiografia majoritária, revelando a falsa neutralidade e universalidade na transmissão de conhecimento e na construção de histórias históricas.

## 1.6 Metodologia

A proposta metodológica se divide em 2 fases construção do arcabouço teórico e pesquisa empírica, na primeira fase desenvolvemos uma investigação teórica sobre mulheres na construção civil, embasada sobre a luta da mulher desde o princípio, questões relevantes como a Globalização e o mercado de trabalho, a atuação das mulheres na pandemia Covid-19, a atuação e formação da arquiteta saindo da cozinha até sua relação trabalhista entre ser autônoma ou profissional liberal e a área da construção civil como profissão, contrapondo com a questão patriarcal e as suas barreiras no desenvolvimento profissional, focou-se na produção bibliográfica de autoras do feminismo classistas, artigos, revistas, programas de televisão e teses que vão analisar o papel da mulher em uma sociedade de classes no Brasil.

Em uma segunda fase realizou-se a etapa empírica com os estudos de caso, com suas características e particularidades, esse recorte temporal retrata os três cursos mais conhecidos e pioneiros no Brasil na área voltada para a formação profissional das mulheres na execução de obra, junto a um questionário realizado com três ex-alunas do IFB (Instituto Federal de Brasília) do Programa Mulheres na Construção, trazendo análises para um embasamento na

implementação e fomentação de cursos na construção civil e relatando a positividade dos mesmos e uma visão mais ampla e assertiva sobre o assunto.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Kern (1975) retrata a relação das mulheres versus sistema patriarcal, que durante a revolução industrial as cidades Europeias cresceram rapidamente e trouxeram para as ruas uma mistura caótica de classes sociais imigrantes. As normas sociais vitorianas da época incluíam limites rígidos entre as classes e uma etiqueta firme destinada a proteger a pureza das mulheres brancas da alta classe.

O surpreendente que enquanto algumas mulheres precisavam ser protegidas das da desordem conturbada da cidade outras mulheres precisavam de controle reeducação e talvez de até de banimento, mesmo sendo as culpa das porque vieram as cidades em busca de trabalho nas fábricas e no serviço domésticos, e apesar das lutas uma cidade feminista deve ser centrada no cuidado, não porque as mulheres devam continuar sendo as principais responsáveis pelo trabalho de cuidado, mas porque a cidade tem um potencial de espalhar o trabalho de cuidado de maneira mais uniforme, uma cidade feminista deve olhar para as ferramentas criativas que as mulheres sempre usaram para apoiar umas às outras encontra, e encontrar maneiras de construir esse apoio na própria estrutura do mundo moderno.

A questão segundo Zaida (2018) é referente ao gênero, a que se refere? Ele o gênero, no contexto ocidental, é a construção social e papel cultural, historicamente moldado, que atribui capacidades específicas, atribui espaços e dá diferentes prioridades para cada sexo. No interior, o cotidiano tem sido considerado secundário e relativo; no exterior, o público pretende ser principal e absoluto.

A experiência masculina é formulada como neutra, objetiva, racional e universal, diante da subjetividade, da irracionalidade e irrelevância da experiência feminina. Esta classificação discriminatória tem sua formalização na ordem interna e na ordem urbana, o privado e o público, pares complementares e inseparáveis, mas que, no entanto, foram construídas como antagônico.

O discurso dos papéis de gênero é articulado na aceitação de estrutura patriarcal e hierárquica que garante a sua repetição e perpetuação por parentesco. A preparação e implementação desses papéis tem dois espaços: a casa e a cidade. Portanto, é necessário revelar os discursos e significados por trás das formas, tentar descobrir ou revelar quais foram as contribuições das mulheres à cidade e à arquitetura.

A construção de papéis de gênero não é inocente nem inócua. Uma revisão histórica a partir deste pensamento crítico revela a discursos intencionais que, ao longo da história ocidental, foram se dedicaram a colocar as mulheres em um lugar de subordinação, uma estratégia de dominação que atravessa diversidades de classe, origem cultural e religiosa, bem como educacional.

A construção de gênero ou, o que dá no mesmo, a atribuição de competências das quais derivar capacidades e possibilidades, aptidões e atividades, determina particularidades e propriedades unívocas conforme apropriado Mulher ou homem. Os papéis e competências de gênero são imposições baseadas na suposta dualidade do sexo biológico do aniversário.

A matéria da Revista/Site MetrÓpole datada em 08 de março de 2024, descreve sobre o setor da civil que era predominantemente ocupado por homens. Porém, o cenário mudou, especialmente na última década.

As mulheres têm conquistado espaço e estão cada vez mais presentes na construção de empreendimentos, seja ocupando cargos de liderança, em posições de gestão, como também no canteiro de obras, literalmente “colocando a mão na massa” em cima de andaimes e em meio a tijolos, concreto e areia.

Dados divulgados no último Boletim Econômico da Construção Civil, elaborado pelo Sindicato da Indústria da Construção Civil do Distrito Federal (Sinduscon-DF) e pelo Instituto de Pesquisa e Estatística do DF (IPEDF), em março de 2023, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher (8/3), registraram que o número de mulheres que trabalham no setor cresceu, aproximadamente, 52,3% entre os anos de 2012 e 2021.

Em 2012, as mulheres representavam 9,1% da mão de obra do setor e, em 2021, esse valor passou a ser de 17,1%. Mais mulheres estão atuando no setor de serviços do Distrito Federal. Entre 2022 e 2023, a participação feminina na atividade econômica cresceu em 3,8%, garantindo uma maior ocupação do público feminino no mercado de trabalho.

No período, a quantidade de mulheres ocupadas aumentou 2,1%. As informações compõem o boletim Mulheres e Trabalho Remunerado no Distrito Federal, produzido pelo Instituto de Pesquisa e Estatística (IPEDF) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Os dados atualizam o quadro das relações de gênero no mercado de trabalho regional, em relação à população feminina de 14 anos e mais que está ou não em atividade. A comparação abrange os níveis de desemprego e ocupação, as alterações na estrutura ocupacional e o padrão de rendimentos para homens e mulheres.

“Os resultados de 2023 sugerem que, lentamente, algumas barreiras à entrada da mulher no mercado de trabalho estão sendo diluídas”, elucida a diretora de Estudos de Estatística e Pesquisas Socioeconômicas do IPEDF, Dea Fioravante. “Num ano em que o desemprego aumentou para a população geral – de 15,6%, em 2022, para 16,2%, em 2023 -, o desemprego entre as mulheres permaneceu praticamente estável, com aumento de 0,1 ponto percentual. Já entre os homens, o crescimento foi de 1,1 ponto percentual”, completa.

No entanto, a diretora alega que, mesmo com avanços, a mulher ainda enfrenta uma série de obstáculos no mercado de trabalho. “Ao procurar uma ocupação, elas esperam dois meses a mais que os homens, em média.

O setor de serviços é o que mais emprega as trabalhadoras, com forte destaque para o emprego doméstico. As mulheres ainda ocupam cargos mais baixos e menos valorizados. Uma herança cultural difícil, mas que precisa ser combatida”, comenta Fioravante.

A estabilidade do desemprego feminino resultou na redução da desvantagem entre homens e mulheres, já que, no caso deles, o índice passou de 13,4% para 14,5%. Além disso, embora as mulheres sejam maioria na população em idade ativa (54,6%), o percentual de homens economicamente ativos é maior. A presença feminina na inatividade é quase o dobro da masculina – 12,5% dos homens ante 23% das mulheres.

No último ano, quatro em cada cinco mulheres ocupadas na capital federal foram absorvidas pelo setor de serviços. O grupo com maior índice de participação feminina é o de “administração pública, defesa e seguridade social; educação, saúde humana e serviços sociais”, chegando a ultrapassar 1/3 da ocupação das mulheres na região.

Outros ramos com maior adesão feminina foram o de alojamento e alimentação, informação e comunicação, atividades profissionais científicas e técnicas, serviços domésticos, e atividades administrativas. Conforme o estudo, “os lugares ocupados pelas mulheres demonstram a divisão sexual do trabalho na sociedade local, manifesto na preponderância feminina em ações associadas ao cuidado”.

O setor doméstico reúne participação superlativa da população feminina, área em que elas absorvem mais de 94% dos postos.

“A evolução da mulher no mercado de trabalho é nítida, principalmente diante do aumento desse grupo no mercado de trabalho”, enfatiza a gerente de Avaliação de Políticas Socioeconômicas do IPEDF, Bárbara Carrijo. “Apesar dessa melhora na inserção laboral, a mulher ainda possui rendimentos inferiores aos dos homens, como mostram os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego. Além disso, elas são maioria em ocupações vistas como

tipicamente femininas, como o caso de serviços domésticos. Essas informações mostram que ainda há espaço para melhorar a situação laboral da mulher. ”

Em contrapartida, a presença feminina no setor de construção é mínima – apenas 5,5% dos empregados do ramo são mulheres. Tanto no setor de indústria de transformação (36,6%) e na área de comércio e reparação (42,1%), a participação das mulheres é inferior à dos homens.

De olho em novas oportunidades, o público feminino é o que mais busca cursos de qualificação profissional. O Governo do Distrito Federal (GDF) está atento à demanda e oferece diversos programas por meio das secretarias de Desenvolvimento Econômico Trabalho e Renda (Sedet-DF) e da Mulher (SMDF).

Os números comprovam: desde janeiro de 2023, o RenovaDF formou 6.620 mulheres, equivalente a 69% do total de concluintes. O QualificaDF chegou a 24 mil formandos, sendo 65% mulheres, enquanto a modalidade móvel do programa alcançou 9.600 qualificados, sendo 75% do gênero feminino. Os saldos se repetem na Fábrica Social, em que a participação delas é superior a 95%, e nos programas Jornada da Mulher Trabalhadora, Mulheres Vencedoras, tudo por Elas, Mulheres Empreendedoras e Capacita Mulher. Juntos, formaram 6.800 mulheres.

A presença delas também foi significativa nos programas da SMDF, que atenderam 12.987 mulheres em 2023. As capacitações oferecidas pelo ônibus da secretaria, que leva serviços itinerantes para as regiões administrativas, acolheram 4.209 moradoras. Em seguida, se destaca o Empreende Mais Mulher, em Taguatinga e Ceilândia, que ultrapassaram 4,8 mil cidadãs contempladas com cursos presenciais e on-line.

Outras ações também ensinam o esforço em aumentar a presença feminina no mercado e reduzir as discrepâncias entre gêneros. É o caso da Câmara de Mulheres Empreendedoras da Fecomércio-DF, iniciativa inédita no país. “A câmara trabalha para expandir a presença feminina nos postos de liderança e nos diferentes segmentos que movimentam a economia da capital, não somente nas áreas em que se concentram atualmente, como beleza, estética e vestuário. Sabemos que as mulheres têm habilidades diferentes das dos homens e são capazes de inovar com mais facilidade, tanto no ambiente de negócios, quanto na gestão de pessoas”, destaca o presidente do Sistema Fecomércio-DF, José Aparecido Freire.

No último ano, mais de 60% das oportunidades ocupacionais geradas para mulheres foram para emprego formalizado, sendo 39,2% no setor público e 21,9% no setor privado com carteira de trabalho assinada. As contratações impulsionaram o aumento da ocupação

feminina. Em relação à remuneração média, mulheres e homens receberam, respectivamente, R\$ 3.868 e R\$ 5.145 em 2023. Os valores aumentaram de um ano para o outro – 6,6% para o grupo feminino e 7,4% para o masculino. O aumento dos rendimentos para mulheres é resultado, principalmente, de acréscimo salarial no setor público e no setor privado com e sem carteira de trabalho assinada.

No decorrer desse trabalho será exposto pontos relevantes a inquietação da mulher para seus anseios e necessidades, a questão patriarcal e alguns pontos como globalização, covid-19, docência, estudos de caso, entre outros, que juntos retratam as dificuldades e os acertos da implementação e fomentação de cursos em uma área predominante masculina e de propriedade feminina no que se refere a capacidade profissional.

## 2.1 O mercado de trabalho e a construção civil

O crescimento das populações e, conseqüentemente, dos centros urbanos, fez das cidades, espaços, e até áreas rurais, o bem-estar como foco para melhoria de vida, desde moradia ecologicamente correta até um barraco que tenha no mínimo saneamento básico, água encanada e energia. Um cenário importante no setor da construção civil que, além de consumir uma enorme quantidade materiais, de recursos naturais ou não, gera a necessidade de profissionais mais focados, ou inclinados à determinada área de execução.

O capitalismo também, sem dúvidas, foi a contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam emergido da luta antifeudal — possibilidades que, se tivessem sido realizadas, teriam evitado a imensa destruição de vidas e de espaço natural que marcou o avanço das relações capitalistas no mundo. Devemos enfatizar este aspecto, pois a crença de que o capitalismo “evoluiu” a partir do feudalismo e de que representa uma forma mais elevada de vida social ainda não se desfez (Federici, 2019).

Esse processo de pontos positivos e negativos, no qual cada autor retrata uma particularidade, só que, todavia, tendo a base desse desenvolvimento, dessa competitividade deste processo os mercados de trabalhos estão intrinsecamente ligados com suas inúmeras profissões até então não conhecidas e hoje valorizadas.

No Brasil, o artigo 225 da Constituição de 1988, prevê que “todos têm direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida [...]” (Muller-Plantenberg e AB’Saber, 1998 p. 91).

Segundo estudo realizado pelo SENAI ressalta que a indústria da construção civil ocupa posição de destaque na economia nacional, quando considerada a significativa parcela

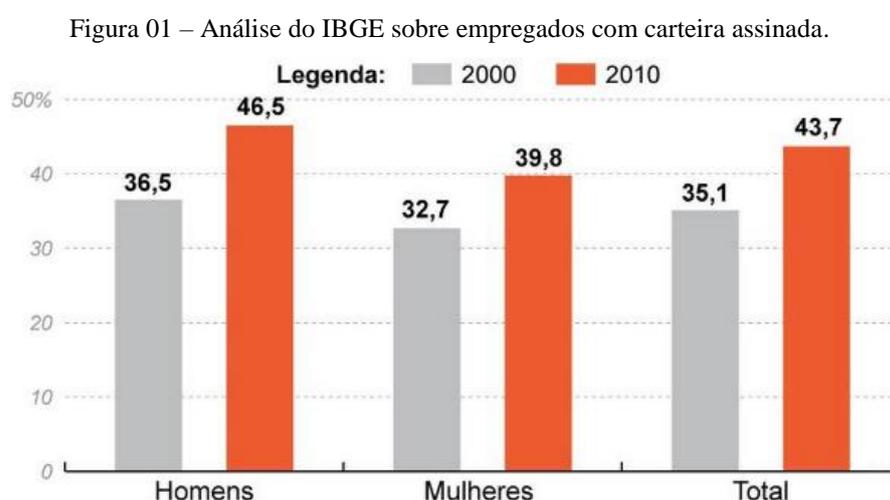
do Produto Interno Bruto (PIB) do país que retrata qual é responsável e também pelo contingente de pessoas que, direta ou indiretamente, emprega.

O mercado empregatício brasileiro necessita de profissionais capacitados para certas áreas de conhecimento, creio que em quase todas as áreas desde as humanas ou exatas entre outras tantas disponíveis.

Com o crescimento do país, ou o desenvolvimento do mesmo, a tendência à exportação e o aumento do consumo interno exigem uma rotina de novos produtos e processos constantes, e muitas vezes não dispomos de muito tempo para essa formação, cursos mais rápidos, objetivos e funcionais, encaixam nesse perfil crescente do profissional do milênio.

Uma pesquisa realizada pelo IBGE aponta que vem diminuindo o abismo entre a participação de homens e mulheres no mercado. Ainda que a taxa de atividade dos homens seja superior à das mulheres, essa diferença caiu de quase 30 pontos percentuais em 2000 para pouco mais de 21 em 2010, o que se deve não apenas ao maior crescimento desta taxa entre as mulheres, mas também à sua redução entre os homens.

A variação foi de 79,7% para 75,7% entre o sexo masculino e de 50,1% para 54,6% entre o feminino. Com o corte por idade, o IBGE verificou que, entre as jovens mulheres, a taxa de atividade cresceu de forma mais branda que o observado para os demais grupos etários (Figura 01).



Fonte: Mesmo nos países ricos, só metade das mulheres está no mercado de trabalho. Caderno Economia. Jornal O Globo. Publicado em 20/06/2017.

A presença feminina é maior que a masculina nas entidades sem fins lucrativos (55,1%) e em órgãos da administração pública (58,9%). A pesquisa do IBGE não faz investigação a diferença da renda entre os gêneros, mas Levantamento do instituto no ano passado com dados do Censo de 2010 mostrou que na média as mulheres ainda recebem 30% menos que os homens no país.

A presença feminina é mais baixa nas empresas de médio porte, de 50 a 249 empregados. O percentual é melhor nas grandes, com mais de 250 empregados, e nas pequenas, de até nove empregados.

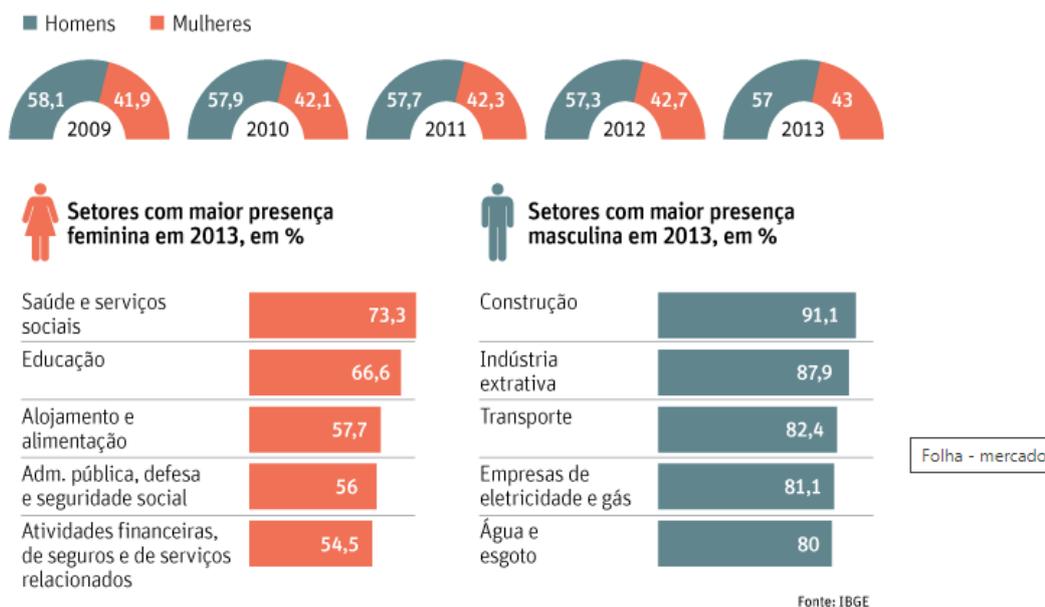
As mulheres são maioria em setores como saúde e serviços sociais (73,3%), educação (66,6%) e alimentação (57,6%).

Os dados mostram que as mulheres vêm aumentando sua presença em setores tradicionalmente masculinos. Das cinco áreas em que houve o maior avanço da participação feminina na economia entre 2009 e 2013, duas são em setores tipicamente ocupados por homens: indústria extrativa e reparação de veículos.

Nos países em desenvolvimento, onde cerca de 36,6% das mulheres e apenas 17,2% dos homens são empregados como trabalhadores familiares não remunerados, a diferença é maior, de 19 pontos percentuais. São trabalhadores independentes, que trabalham em um estabelecimento administrado por um familiar.

Na indústria extrativa, as mulheres representaram 12,1% da força de trabalho, um crescimento de 2,1 ponto percentual no intervalo de cinco anos. Já na reparação de veículos, o percentual de 44,4% foi alcançado em 2013 depois de crescimento 2,7 pontos percentual. Os homens, que ocupam 57% das vagas formais no país, são maioria esmagadora em setores como construção civil (91,1%), indústria de transformação (87,9%) (Figura 02).

Figura 02 – Análise do IBGE dos setores aonde possui maior presença feminina.



Fonte: Mesmo nos países ricos, só metade das mulheres está no mercado de trabalho. Caderno Economia. Jornal O Globo. Publicado em 20/06/2017.

Mesmo nos países ricos, só metade das mulheres está no mercado de trabalho se considerados dados globais, atualmente apenas 49% das mulheres em idade de trabalhar buscam uma vaga ou estão empregadas, enquanto que a participação dos homens sobe para 76%. A OIT prevê que estas taxas permanecerão inalteradas em 2018.

Mesmo nos países mais ricos essa diferença não muda muito: a taxa de participação das mulheres é de 51,9%, enquanto a masculina é de 68%. No Brasil, essa diferença é de 22 pontos percentuais, visto que 56% das mulheres em idade ativa frente a 78,2% dos homens estão empregados ou buscando trabalho.

Segundo a organização internacional, a preferência e a decisão da mulher de participar do mercado de trabalho e seu acesso a empregos de qualidade podem ser afetadas pela discriminação, nível de educação e acúmulo de tarefas não remuneradas como cuidar de filhos e idosos da família.

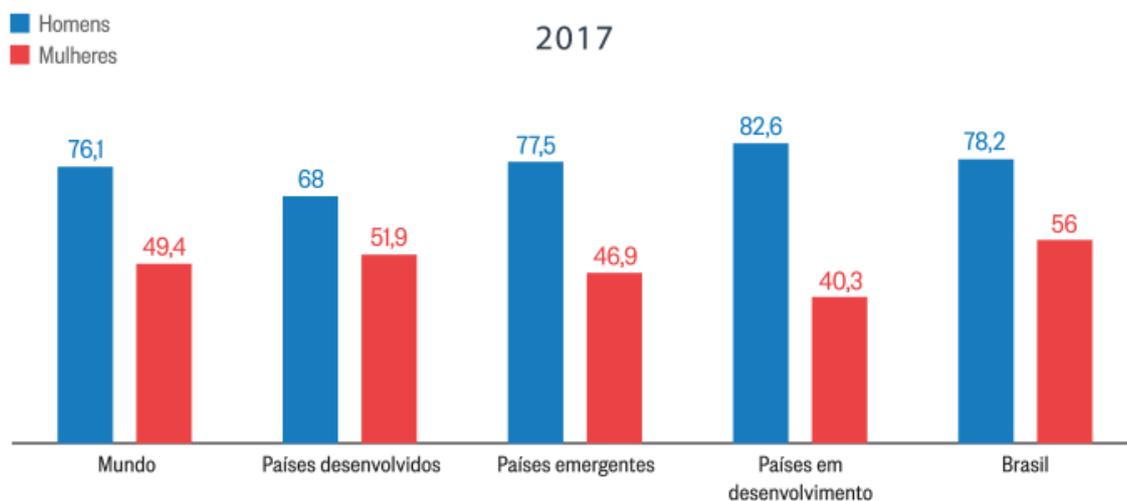
Quando as mulheres participam do mercado de trabalho, elas têm maior probabilidade de estarem desempregadas do que os homens. Globalmente, a taxa de desemprego para as mulheres em 2017 é de 6,2%, representando uma diferença de 0,7 pontos percentuais com relação à taxa de desemprego dos homens, de 5,5%.

Com base nas tendências atuais, OIT estima que o quadro permanecerá inalterado em 2018, sem nenhuma melhora esperada antes de 2021. Outro dado alarmante diz respeito à qualidade do posto de trabalho feminino e entre as mulheres empregadas em todo o mundo,

quase 15% são trabalhadoras familiares não remuneradas, em comparação com 5% dos homens nessa condição.

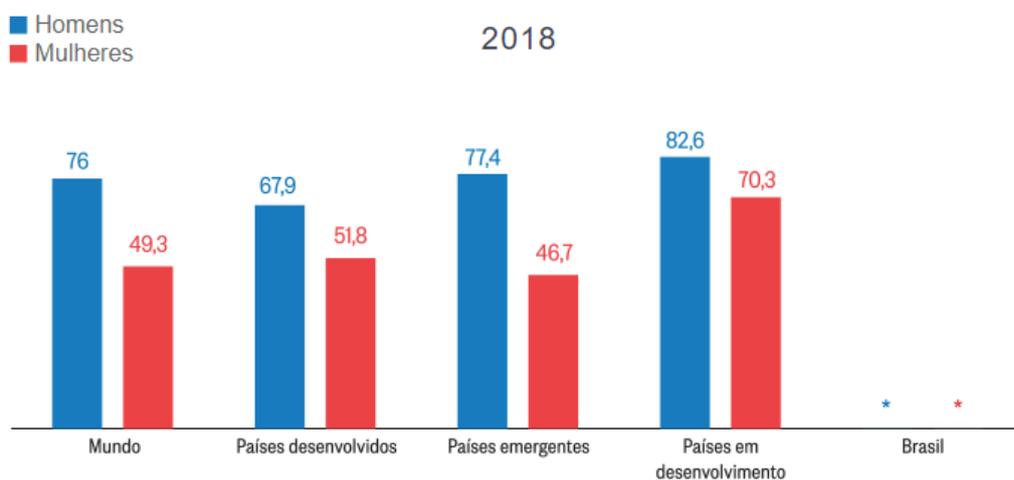
A conformidade do papel de gênero também afeta a restrição das oportunidades de trabalho decente para as mulheres (Figuras 03 e 04).

Figura 03 – Taxa de participação no Mercado de trabalho – 2017, segundo do IBGE.



Fonte: Mesmo nos países ricos, só metade das mulheres está no mercado de trabalho. Caderno Economia. Jornal O Globo. Publicado em 20/06/2017.

Figura 04 – Taxa de participação no Mercado de trabalho – 2018 segundo do IBGE.



Fonte: Mesmo nos países ricos, só metade das mulheres está no mercado de trabalho. Caderno Economia. Jornal O Globo. Publicado em 20/06/2017.

Nas contas da OIT, se o Brasil reduzir em 25% a desigualdade na taxa de participação no mercado de trabalho até 2025, o PIB nacional poderia crescer em até R\$ 382 bilhões (US\$ 116,7 bilhões) ou 3,3%. Ou seja, se a participação feminina crescesse 5,5 pontos percentuais, o mercado de trabalho brasileiro ganharia uma mão de obra de 5,1 milhões de mulheres e um aumento considerável no PIB.

No relatório, a OIT ressalta que melhorar a participação feminina no mercado de trabalho requer uma abordagem multidimensional, que inclui políticas focadas no equilíbrio entre a vida pessoal e o trabalho e na eliminação da discriminação de gênero, além de criação e proteção de empregos de qualidade no setor da saúde.

Para haver desenvolvimento no país deve-se manter uma crescente ideologia de aprendizado, de fato, como ponto prioritário, de modo que, todos que conseguem a oportunidade de aprendizado apliquem estes conceitos em prol do desenvolvimento do mercado e para a sociedade, ou para melhoria de si como cidadão.

Mesmo em tempos de crise que assolou nosso país desde 2015, observa-se este mercado continua mantem-se não de maneira escalonada ou superaquecida que mostra o perfil desse crescimento eminente como em datas passadas, mais com certa estabilidade como as reformas, manutenções, pequenas adaptações construtivas e até os financiamentos bancários mesmo que menos aquecidos ainda estão disponíveis, e geram um quantitativo de mercado na área da construção, entre estes programas cito Minha Casa Minha Vida. Que avança mesmo em tempos de crise.

Ainda é uma área que emprega em tempos atuais, que existe procura e prospecto para qualificações e cursos, já que o crescimento de produtos, diferenciados e importados, pressionam os profissionais a ser manterem sempre se qualificando, cita o exemplo das paredes e forros Drywall, que antes se tinha como forro as placas de gesso, comumente trazidas e criadas no mercado interno, como tantos outros que estão no mercado da construção.

Segundo a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), em 2010, as mulheres já somavam mais de 200 mil trabalhadoras com carteira assinada no País, quase o dobro do registrado em 2006, e 8% do total da construção civil. É uma questão de formação continuada e o processo de desenvolvimento profissional dos profissionais que tendem a atualizar e atuarem no mercado de maneira ética e profissional.

A revista Geografia retrata sobre o ingresso cada vez maior de mulheres no mercado da construção civil está sendo impulsionado pela falta de mão de obra masculina e pela demanda crescente da indústria são serventes, carpinteiras, ajudantes de obra, pedreiras, soldadoras.

São técnicas em segurança do trabalho e engenheiras e essas mulheres se misturam aos homens com naturalidade e em condições de realizar as tarefas com tanta competência quanto os trabalhadores, revista Geografia.

A Inserção das mulheres no mercado de trabalho, segundo o Livro “As Novas Fronteiras da Desigualdade - Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho”, publicado pelo Senac São Paulo em 2003, que trata a condição das mulheres nos países mais ricos teve transformações sem precedentes na história.

E o trabalho dessa mulher na construção civil costuma exigir intenso esforço físico. Assim, as diferenças fisiológicas entre homens e mulheres são uma das causas para afastar as mulheres dos canteiros de obra. Em média, as mulheres possuem cerca de 52% da força dos homens na parte superior do corpo e 66% na parte inferior. Por isso, existem normas que incluem garantias para a saúde e segurança das trabalhadoras. Uma delas é a Norma Regulamentadora (NR) 17 de 2020, que trata da ergonomia na construção civil.

17.5 Levantamento, transporte e descarga individual de cargas 17.5.1. Não deverá ser exigido nem admitido o transporte manual de cargas por um trabalhador cujo peso seja suscetível de comprometer sua saúde ou sua segurança. 17.5.1.1 A carga suportada deve ser reduzida quando se tratar de trabalhadora mulher e de trabalhador menor nas atividades permitidas por lei. 17.5.2 No levantamento, manuseio e transporte individual e não eventual de cargas, devem ser observados os seguintes requisitos: a) os locais para pega e depósito das cargas, a partir da avaliação ergonômica preliminar ou da AET, devem ser organizados de modo que as cargas, acessos, espaços para movimentação, alturas de pega e deposição não obriguem o trabalhador a efetuar flexões, extensões e rotações excessivas do tronco e outros posicionamentos e movimentações forçadas e nocivas dos segmentos corporais; e b) cargas e equipamentos devem ser posicionados o mais próximo possível do trabalhador, resguardando espaços suficientes para os pés, de maneira a facilitar o alcance, não atrapalhar os movimentos ou ocasionar outros riscos.

Contudo, a chegada de novas tecnologias na construção civil está mudando os processos de trabalho. Agora, muitas tarefas braçais passaram a ser executadas por máquinas. Como exemplo, podemos citar a grua, utilizada para elevação e a movimentação de cargas e materiais pesados. Além disso, os materiais estão se tornando cada vez mais leves e fabricados em formatos pré-moldados. Isso facilita os procedimentos de montagem e instalação, favorecendo a contratação de mulheres nessa indústria.

As Novas Fronteiras da Desigualdade - Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho” publicado pelo Senac São Paulo em 2003 também retrata que a construção civil está atravessando uma grande transformação deflagrada pelas novas tecnologias.

Por um lado, a chegada de equipamentos e produtos de ponta ao canteiro de obras aumenta a economia e produtividade. Por outro, atrai o fantasma do desemprego, já que a indústria vem absorvendo com rapidez máquinas capazes de substituir a mão de obra humana. Quanto mais automação, menos necessidade de pessoas.

E existem timidamente alguns projetos no Brasil para qualificar a mão de obra feminina na construção civil, seja por iniciativa do Poder Público, seja por iniciativa de empresas privadas e do terceiro setor. Em âmbito municipal, por exemplo, uma das iniciativas mais recentes veio de Guarapuava, no Paraná. Em julho de 2017, o prefeito Cesar Silvestri Filho sancionou lei exigindo que as empresas de construção civil que prestam serviços ao município tenham no mínimo 10% de suas vagas ocupadas por mulheres.

Art. 2º As empresas que prestarem serviços de construção civil ao Município de Guarapuava deverão reservar no mínimo 10% (dez por cento) das vagas do seu quadro de empregados às mulheres. § 1º As mulheres contratadas pelas empresas do ramo da construção civil deverão ser preferencialmente, àquelas que participaram de curso profissionalizante ofertado pelo Município de Guarapuava. § 2º A empresa prestadora de serviços de construção civil que pretende participar em processos licitatórios, ou assemelhados, promovidos pelo Município de Guarapuava deverá fazer prova da exigência consignada no caput deste artigo, no momento da assinatura do contrato. § 3º Os editais de licitação e os contratos celebrados por força de processo licitatório, ou assemelhados, deverão estabelecer cláusula que contenha a determinação prevista no caput deste artigo. § 4º A observância do percentual de vagas reservadas por esta Lei dar-se-á durante todo o período da prestação de serviços, e aplicar-se à para os cargos de auxiliar de pedreira, auxiliar de eletricista, auxiliar de azulejista, auxiliar de pintora e auxiliar de encanadora. § 5º A relação de cargos mencionados no parágrafo anterior não constitui rol taxativo, podendo ser revista por meio de Decreto Municipal, desde que o cargo a ser acrescentado corresponda, preferencialmente, a cursos de qualificação profissional ofertado pela Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres.

Art. 3º Na hipótese de impossibilidade de preenchimento do percentual de vagas previsto no caput do artigo 2º, a empresa prestadora de serviços comunicará o fato à Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, a qual, após concluir pela veracidade de tal comunicação, emitirá declaração que dispensará a empresa do cumprimento da cota. [www.guarapuava.pr.gov.br](http://www.guarapuava.pr.gov.br) Rua Brigadeiro Rocha, 2777 CEP 85010-210 – Guarapuava – Paraná Telefone (42) 3621-3106

Art. 4º O disposto nesta Lei observará as hipóteses de renovação de contratos já vigentes, ou a celebração de aditivos e/ou aditamentos contratuais.

Art. 5º O contrato de trabalho celebrado com amparo nesta Lei é especial, ajustado por escrito, em que o empregador se compromete a assegurar à mulher uma formação profissional técnica sem discriminação de gênero, e a

mulher se compromete a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a essa formação. §1º A formação técnico-profissional a que se refere o caput deste artigo caracteriza-se por atividades práticas, metodicamente organizadas em tarefas de complexidade progressiva, desenvolvidas no ambiente de trabalho. § 2º Para a formação técnico-profissional da mulher o empregador disponibilizará pessoa qualificada que será encarregada para instruir e acompanhar a mulher no cargo a ser desempenhado.

Art. 6º As relações entre as empresas prestadoras de serviços e seus empregados serão regidas pela Constituição Federal e pela CLT – Consolidação das Leis do Trabalho, com a observância de todos os deveres e direitos previstos no ordenamento jurídico.

Art.7º É garantida à mulher gestante a estabilidade no trabalho, conforme o disposto no artigo 10, inciso II, alínea “b”, dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias.

Art. 8º É vedada a remuneração salarial diferenciada entre homens e mulheres que ocupem o mesmo cargo e/ou função, desde que tal distinção seja fundada única e exclusivamente na distinção de gênero.

Art. 9º As empresas prestadoras de serviços ao Município no ramo da construção civil deverão comprovar que dispuseram de todos os meios cabíveis para o cumprimento desta Lei.

Art. 10. Os casos omissos poderão ser regulamentados por decreto pelo chefe do poder executivo.

Art. 11. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário

As Novas Fronteiras da Desigualdade - Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho” publicado pelo Senac São Paulo em 2003 relata que as mulheres por inúmeros motivos econômicos ou não, ratificam uma insatisfação em inúmeras áreas, entre essa a área profissionais, muitas vezes avaliadas e subjugadas quando o trabalho tem uma terminologia ou sua maioria à masculinidade, os homens por sua vez se sentem confortáveis nessa cultura corporativa, deliberadamente ou não, ações que possam mudar esta situação e alcançar um mercado hoje voltado para o público/empregado masculino tendem a ser necessário por inúmeras questões, entre estas a econômica e autoestima.

O terceiro setor também vem se articulando para estimular o ingresso das mulheres na construção com o objetivo de oferecer cursos de formação na área da construção civil para mulheres. Assim, contribuem para promover a autonomia e empoderamento das trabalhadoras. Entre as beneficiadas estão, principalmente, mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica e de violência doméstica.

Todavia pode-se perceber a desigualdade de gênero. Em um ambiente como o da construção civil, onde predominam os homens, esse desafio se torna ainda maior. Entretanto, a capacidade técnica, força de trabalho e articulação das mulheres na luta por seus direitos

estão promovendo progressivas mudanças socioculturais. Isso está impulsionando o progresso feminino no setor. Como resultado, estão surgindo novas gerações de engenheiras e operárias com cada vez mais oportunidades e reconhecimento profissional.

## 2.2 Transformando Nosso Mundo

A agenda idealizada pela ONU em reunião realizada em 2015, tem um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade, buscando fortalecer a paz universal com mais liberdade, com 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas, esses objetivos e metas estimularão a ação para os próximos 15 anos.

“Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas que estamos anunciando hoje demonstram a escala e a ambição desta nova Agenda universal. Eles se constroem sobre o legado dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e concluirão o que estes não conseguiram alcançar. Eles buscam concretizar os direitos humanos de todos e alcançar a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres e meninas. Eles são integrados e indivisíveis, e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental.” ONU, 2015.

Referente as ações específicas para as mulheres e equidade de gênero pode-se citar alguns objetivos dessa agenda:

Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos:

4.1 Até 2030, garantir que todas as meninas e meninos completem o ensino primário e secundário livre, equitativo e de qualidade, que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes;

4.2 Até 2030, garantir que todos as meninas e meninos tenham acesso a um desenvolvimento de qualidade na primeira infância, cuidados e educação pré-escolar, de modo que eles estejam prontos para o ensino primário;

4.3 Até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade;

4.4 Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo;

4.5 Até 2030, eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade;

4.6 Até 2030, garantir que todos os jovens e uma substancial proporção dos adultos, homens e mulheres

estejam alfabetizados e tenham adquirido o conhecimento básico de matemática;

4.7 Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável;

4.a. Construir e melhorar instalações físicas para educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e ao gênero, e que proporcionem ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes para todos;

4.b. Até 2020, substancialmente ampliar globalmente o número de bolsas de estudo para 23 os países em desenvolvimento, em particular os países menos desenvolvidos, pequenos Estados insulares em desenvolvimento e os países africanos, para o ensino superior, incluindo programas de formação profissional, de tecnologia da informação e da comunicação, técnicos, de engenharia e programas científicos em países desenvolvidos e outros países em desenvolvimento;

4.c. Até 2030, substancialmente aumentar o contingente de professores qualificados, inclusive por meio da cooperação internacional para a formação de professores, nos países em desenvolvimento, especialmente os países menos desenvolvidos e pequenos Estados insulares em desenvolvimento.

## Objetivo 5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas:

5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte;

5.2 Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos;

5.3 Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas;

5.4 Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais;

5.5 Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública;

5.6 Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão;

5.a. Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, 24

serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais;

5.b. Aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres;

5.c. Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis

## Objetivo 10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles;

10.1 Até 2030, progressivamente alcançar e sustentar o crescimento da renda dos 40% da população mais pobre a uma taxa maior que a média nacional;

10.2 Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra;

10.3 Garantir a igualdade de oportunidades e reduzir as desigualdades de resultados, inclusive por meio da eliminação de leis, políticas e práticas discriminatórias e da promoção de legislação, políticas e ações adequadas a este respeito;

## Objetivo 11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis;

11.1 Até 2030, garantir o acesso de todos à habitação segura, adequada e a preço acessível, e aos serviços básicos e urbanizar as favelas;

11.2 Até 2030, proporcionar o acesso a sistemas de transporte seguros, acessíveis, sustentáveis e a preço acessível para todos, melhorando a segurança rodoviária por meio da expansão dos transportes públicos, com especial atenção para as necessidades das pessoas em situação de vulnerabilidade, mulheres, crianças, pessoas com deficiência e idosos;

11.3 Até 2030, aumentar a urbanização inclusiva e sustentável, e as capacidades para o planejamento e gestão de assentamentos humanos participativos, integrados e sustentáveis, em todos os países;

11.4 Fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo;

11.5 Até 2030, reduzir significativamente o número de mortes e o número de pessoas afetadas por catástrofes e substancialmente diminuir as perdas econômicas diretas causadas por elas em relação ao produto interno bruto global, incluindo os desastres relacionados à água, com o foco em proteger os pobres e as pessoas em situação de vulnerabilidade;

11.6 Até 2030, reduzir o impacto ambiental negativo per capita das cidades, inclusive prestando especial atenção à qualidade do ar, gestão de resíduos municipais e outros;

11.7 Até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência;

11.a. Apoiar relações econômicas, sociais e ambientais positivas entre áreas urbanas, periurbanas e rurais, reforçando o planejamento nacional e regional de desenvolvimento;

11.b. Até 2020, aumentar substancialmente o número de cidades e assentamentos humanos adotando e implementando políticas e planos integrados para a inclusão, a eficiência dos recursos, mitigação e adaptação às mudanças climáticas, a resiliência a desastres; e desenvolver e implementar, de acordo com o Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030, o gerenciamento holístico do risco de 30 desastres em todos os níveis;

11.c. Apoiar os países menos desenvolvidos, inclusive por meio de assistência técnica e financeira, para construções sustentáveis e resilientes, utilizando materiais locais.

Um desenvolvimento que busca atender as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de gerações futuras de fazerem o mesmo, partindo de quatro principais dimensões: social, ambiental, econômica e institucional, que defendem que é necessário levar o mundo a um caminho sustentável com medidas transformadoras e para que ele seja alcançado, a harmonia entre três elementos é fundamental: crescimento econômico, inclusão social e proteção ao meio ambiente e mulher, como a equidade está no eixo de muitas ações.

Outro ponto a ser citado aqui no Brasil, são iniciativas como o Projeto de Lei 5358/20 que obriga empresas de construção civil a preencher no mínimo 5% dos seus postos de trabalho operacional com pessoas do sexo feminino.

De acordo com a proposta, a cota deverá ser cumprida em cada estabelecimento, empreitada ou obra em execução. Em análise na Câmara dos Deputados, o texto inclui a medida na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Autor do projeto, o deputado Juninho do Pneu (DEM-RJ) afirma que as mulheres estão conquistando espaço na construção civil – ambiente predominantemente masculino –, mas ainda estão longe de vencer a desigualdade de gênero, e a reserva de vagas busca contribuir com esse processo.

O Congresso Nacional decreta: Art. 1º. Esta Lei prevê a reserva de no mínimo 5% por cento das vagas para as mulheres ocuparem nos postos de trabalho operacional das empresas de construção civil. Art. 2º. O Decreto-Lei 5.452, de 1º de maio de 1943, passa a vigorar acrescido da seguinte redação: “Art.373-B. A empresa de construção civil está obrigada a preencher no mínimo 5% (cinco por cento) dos seus postos de trabalho operacional com pessoas do sexo feminino. Parágrafo único. A reserva de vagas deverá ser cumprida em cada estabelecimento, empreitada ou obra em execução.”(NR) Art. 3º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA Trata-se de Projeto de Lei que visa incentivar cada vez mais o trabalho das mulheres no mercado da construção civil está sendo impulsionado pela falta de mão de obra masculina e pela demanda crescente da indústria. \*CD201738830600\* Documento eletrônico assinado por Juninho do Pneu (DEM/RJ), através do ponto SDR\_56308, na forma do art.

102, § 1º, do RICD c/c o art. 2º, do Ato da Mesa n. 80 de 2016. Apresentação: 03/12/2020 14:25 - Mesa PL n.5358/2020 2 Diversos estudos evidenciam o crescimento da força de trabalho feminina no setor. O mercado da construção civil registra um grande crescimento após a pandemia do COVID-19 acompanhado de maior profissionalização da mão de obra feminina. Além disso, as tecnologias hoje disponíveis nos canteiros dispensam a força física como principal atributo, que assim deixa de ser critério decisivo na hora da contratação para os postos de trabalho operacionais. Em 2012, o Governo Federal criou o Programa Mulheres Construindo Autonomia na Construção Civil, com o propósito de formar mulheres de baixa renda para a inserção nesse mercado. A intenção foi absorver a mão obra feminina nas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e do Programa Minha Casa Minha Vida. Essas propostas têm o objetivo de oferecer cursos de formação na área da construção civil para mulheres. Assim, contribuem para promover sua autonomia e empoderamento. Entre as beneficiadas, estão principalmente aquelas mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica e de violência doméstica. Segundo a ONG Mulheres em Construção, ao terminarem a capacitação, 32% das graduadas ingressam no mercado em regime formal. Por sua vez, 28% trabalham de forma autônoma. Com carteira assinada, elas ganham até R\$ 1 mil ao mês. Trabalhando de forma autônoma, chegam a ganhar R\$ 1.500,00 por semana. As mulheres estão conquistando seu espaço em um ambiente predominantemente masculino como é o da construção civil. Ainda assim, estão longe de vencer a desigualdade de gênero. Porém a capacidade e mobilização delas vêm promovendo progressivas mudanças culturais que impulsionam seu progresso no setor. Nos últimos anos, outras parcerias foram firmadas entre o Governo Federal e prefeituras para capacitar as mulheres na construção civil. \*CD201738830600\* Documento eletrônico assinado por Juninho do Pneu (DEM/RJ), através do ponto SDR\_56308, na forma do art. 102, § 1º, do RICD c/c o art. 2º, do Ato da Mesa n. 80 de 2016. Apresentação: 03/12/2020 14:25 - Mesa PL n.5358/2020 3 Face à enorme relevância do tema, conto com o apoio dos nobres pares para analisar, aperfeiçoar e aprovar este projeto de lei com a maior brevidade. Sala das Sessões, em de de 2020. Deputado JUNINHO DO PNEU DEM/RJ.

“O mercado da construção civil registra um grande crescimento após a pandemia de Covid-19, acompanhado de maior profissionalização da mão de obra feminina”, diz. “Além disso, as tecnologias hoje disponíveis nos canteiros dispensam a força física como principal atributo, que assim deixa de ser critério decisivo na hora da contratação para os postos de trabalho operacionais”, cita o deputado autor da PL.

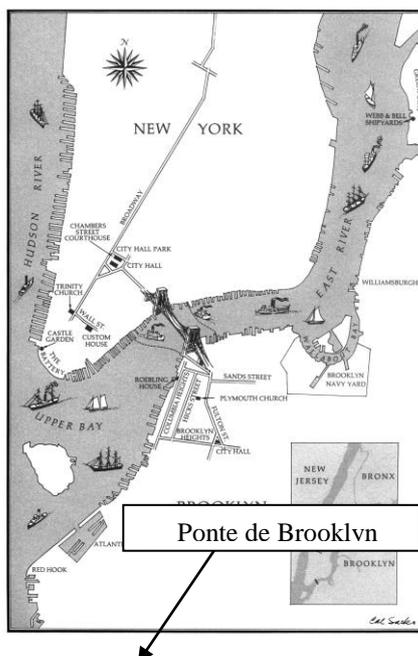
### 2.3 As mulheres influentes no campo da construção civil

Na história das mulheres a cidade é um espaço em que se evidencia sua presença, suas discriminações são exacerbadas as mesmas que elas enfrentam no espaço privativo como sua constante desqualificação e a área da engenharia foi marcada pela presença de uma mulher formada a muito tempo, mas, isso só ocorreu mais de um século depois que o primeiro curso de engenharia foi criado por Dom João VI em 1810, segundo o CREA (Conselho Regional de

Engenharia e Agronomia). Algumas conquistas não podem nunca ser ignoradas e, por isso, é importante trazer um pouco sobre mulheres que não podem ser jamais esquecidas.

A primeira dessas mulheres é a Emily Roebling, nascida em 23 de setembro de 1843, em Cold Spring, Nova York, em uma família com conexões proeminentes. Recebeu uma educação sólida e demonstrou um interesse precoce em temas técnicos e científicos e falecida em 28 de fevereiro de 1903, foi sem dúvidas uma grande colaboradora em um dos maiores projetos de engenharia da história americana. Quando o marido ficou doente em 1872, Emily assumiu a supervisão diária da construção da ponte (Figuras 05 e 06). Ela tinha estudado muitos tópicos de engenharia relativos à construção de ponte, incluindo matemática, resistência dos materiais e construção de cabo.

Figura 05 – Cartografia da Ponte de Brooklyn 1869.



Fonte: McCullough, David G. The great bridge. New York: Simon and Schuster, 1972. 1 ed. New York. Brooklyn Bridge 2018.

Figura 06 - Imagem da ponte de Brooklyn atualizada.



Fonte: <https://jacp.com.br/es/2021/06/30/mulheres-na-construcao-civil-nomes-que-fizeram-historia/>.

Acesso em 28 de nov. 2023

Como o marido estava observando a construção de longe, Emily fez visitas de inspeção a Ponte do Brooklyn todos os dias. Conforme o tempo avançava, o número de postos de trabalho e tarefas que Emily Roebling assumia aumentou. Ela logo começou a levar suas visitas para seu marido. Respondia às perguntas dos funcionários da ponte, representantes e prestadores de serviços. Diz-se que ela respondeu às suas perguntas tão bem que muitos desses empresários acreditavam que ela era a engenheira-chefe.

Seu nome está incluso na placa dedicatória da ponte – reconhecendo o seu papel na criação de uma das maiores realizações de engenharia da sua época. A ponte do Brooklyn estava, ainda, a uma semana longe de ser aberta ao público quando uma mulher determinada chamada Emily Warren Roebling atrelada a um grupo de cavalos se tornou a primeira pessoa a atravessar a ponte.

Outras tarefas que Emily muitas vezes concluiu, era manter todos os registros, responder os e-mails de Washington; entregar mensagens e solicitações ao escritório da ponte; representando Washington em funções sociais.

Uma das coisas que levou Emily Roebling à fama resultou quando ela foi representar o marido em um destes encontros sociais. Emily Roebling (Figura 07), foi a primeira mulher a dirigir a Sociedade Americana de Engenheiros Civis. Nesta mesma reunião ela falou para

defender seu marido depois que surgiram dúvidas de sua capacidade para dirigir o projeto da Ponte de Brooklyn. Estas perguntas foram causadas por um aumento no custo estimado e o tempo necessário para completar o projeto.

Figura 07 - Emily Warren Roebling after receiving her law certificate in 1899.



Fonte: McCullough, David G. *The great bridge*. New York: Simon and Schuster, 1972. 1 ed. New York. Brooklyn Bridge 2018.

No momento em que a ponte foi construída, Roebling, com então 40 anos, tornou-se o rosto público do que foi o maior projeto de engenharia da época. Hoje, há uma placa na ponte que lê, em parte: “dedicado à memória de Emily Warren Roebling 1843-1903 cuja fé e coragem ajudou o marido ferido”.

Ela não ajudou apenas a conectar Manhattan ao Brooklyn, ela forjou um novo rumo para outras mulheres no caminho para a igualdade. Por isso que falam: “Ao lado de um grande homem há sempre uma grande mulher”.

Outra personalidade a destacar foi a primeira mulher aceita como membro da Sociedade Americana de Engenheiros Civis, Nora Stanton Blatch Barney nasceu em Basingstoke, Inglaterra, em 30 de setembro de 1883. Sua família mudou-se para Nova York quando ela era criança. Nora Stanton Barney foi a primeira mulher a receber um diploma de Engenharia Civil da Universidade de Cornell, em 1905. No mesmo ano, foi eleita a primeira mulher membro júnior da American Society of Civil Engineers (ASCE).

Ela mostrou ao mundo como era o empoderamento feminino na época em que os homens tinham preferência em tudo, especialmente na área de engenharia. Nora Stanton Blatch abriu caminho para as mulheres em muitas áreas, não apenas na engenharia, tendo trabalhado, ainda, para a Companhia Americana de Pontes e para o Conselho de Abastecimento de Água de Nova York.

Em 1919, Nora se casou com Morgan Barney, um arquiteto naval e tiveram uma filha (Figura 09) que também é arquiteta e ativista feminista. Nora foi bastante ativa nos movimentos feminista e pacifista (Figura 08).

Figura 08 - Nora e a filha Rhoda, em 1941.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nora\\_Stanton\\_Barney](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nora_Stanton_Barney). Acesso em 30 de set. 2023.

Figura 09 - Imagem da Nora participando de movimentos feministas.



Fonte: <https://www.greenwichsentinel.com/2022/09/30/nora-stanton-barney-house-places-greenwich-on-the-national-votes-for-women-trail/> Acesso em 30 de set. 2023.

Nora Stanton (Figura 10) foi uma figura líder do movimento pelos direitos das mulheres e, o que inicialmente viam como um retrocesso, agora se tornou uma oportunidade

de aprender e crescer. Muitas outras figuras femininas foram inspiradas por sua determinação e atitude capaz de seguir seus sonhos.

Figura 10 - Um retrato de Nora Stanton Barney por Fran Becque, Ph.D



Fonte: <https://www.engineeringcivil.com/> Acesso em 30 de set. 2023.

Destacar a importância de Enedina Alves Marques (Figura 11) formou-se em Engenharia Civil em 1945 pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), entrando para a história como a primeira mulher a se formar em engenharia no Paraná e a primeira engenheira negra do Brasil.

Filha de doméstica, foi criada na casa da família do delegado e major Domingos Nascimento Sobrinho, para quem sua mãe trabalhava. Enedina tinha a mesma idade da filha de Domingos e, para que pudessem fazer companhia uma a outra, ele a matriculou nos mesmos colégios da filha. Assim, Enedina Alves foi alfabetizada na Escola Particular da Professora Luiza Dorfmond, entre 1925 e 1926.

No ano seguinte, ingressou na Escola Normal, onde permaneceu até 1931. Entre 1932 e 1935, passou a trabalhar como professora no interior do estado. Entre 1935 e 1937, voltou a Curitiba para fazer o curso intermediário (equivalente a um supletivo ginásial, exigido para o magistério). Em 1938, fez curso complementar em pré-Engenharia e, em 1940, ingressa na Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná, graduando-se em Engenharia Civil no ano de 1945.

Figura 11 - Enedina Alves Marques ganha ainda mais destaque por ter sido a primeira mulher negra a se tornar engenheira no país.



Fonte: Jorge Luiz Santana. Revista Vernáculo, nº 28, 2º sem/2011.

Entre os destaques Lina Bo Bardi (Figura 12), sem mais adjetivações, é um nome que representa inspiração a arquitetas e urbanistas de vários cantos do país. Nascida italiana em 1914 e naturalizada brasileira em 1951, imergiu-se na cultura nacional e, além de arquiteta e urbanista, foi uma artista multifacetada: atuou como ilustradora, cenógrafa, designer, escritora, curadora e artista visual. Pioneira em vários desses espaços, abriu fronteiras para a participação política, intelectual e de oportunidades das mulheres no Brasil em um cenário em que o exercício da Arquitetura era quase exclusividade dos homens.

Figura 12 – Imagem Lina Bo Bardi.



Fonte: Acervo Instituto Lina Bo e P. M. Bardi

Em 1940, depois de se formar pela Universidade de Roma e amedrontada pela ascensão fascista na cidade, mudou-se para Milão, onde abriu o estúdio “Bo e Pagani”, em parceria com o arquiteto Carlo Pagani, e colaborou para várias revistas de arquitetura e arte.

A sede do negócio sofreu um bombardeio em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. No período, inconformada com a situação política no país e no continente europeu, Lina militou contra o regime chefiado por Benito Mussolini. “Aqueles que deveriam ter sido anos de sol, de azul e alegria, eu passei debaixo da terra, sob bombas e metralhadoras. Senti que o único caminho era o da objetividade e da racionalidade.

Sentia que o mundo podia ser salvo, que esta era a única tarefa digna de ser vivida. Entrei na resistência, com o Partido Comunista clandestino”, afirmou a arquiteta.

Nessa época, Lina chefiou uma revista, mas sua atuação política custou seu emprego após o fim da guerra. Junto com seu marido, o crítico de arte Pietro Maria Bardi, ela decidiu se mudar para o Brasil em 1946 e se afastar da instabilidade da Europa.

No ano seguinte, Pietro foi convidado pelo jornalista, empresário e político Assis Chateaubriand para fundar e dirigir o Museu de Arte Moderna de São Paulo. Animado pela curadoria do casal na primeira exposição, Chateaubriand convidou a arquiteta para projetar a sede do MASP, que seria sua obra mais famosa.

Ela própria escolheu o local, o antigo Parque Trianon, na Avenida Paulista. A italiana não veio ao Brasil provisoriamente: tornou-se de fato brasileira e viveu aqui até sua morte, em 1992. Estudou nossa cultura popular, destacou-se personagem da vida intelectual da elite da época e participou do movimento modernista nacional.

A seguir cinco obras memoráveis que demonstram o talento da arquiteta.

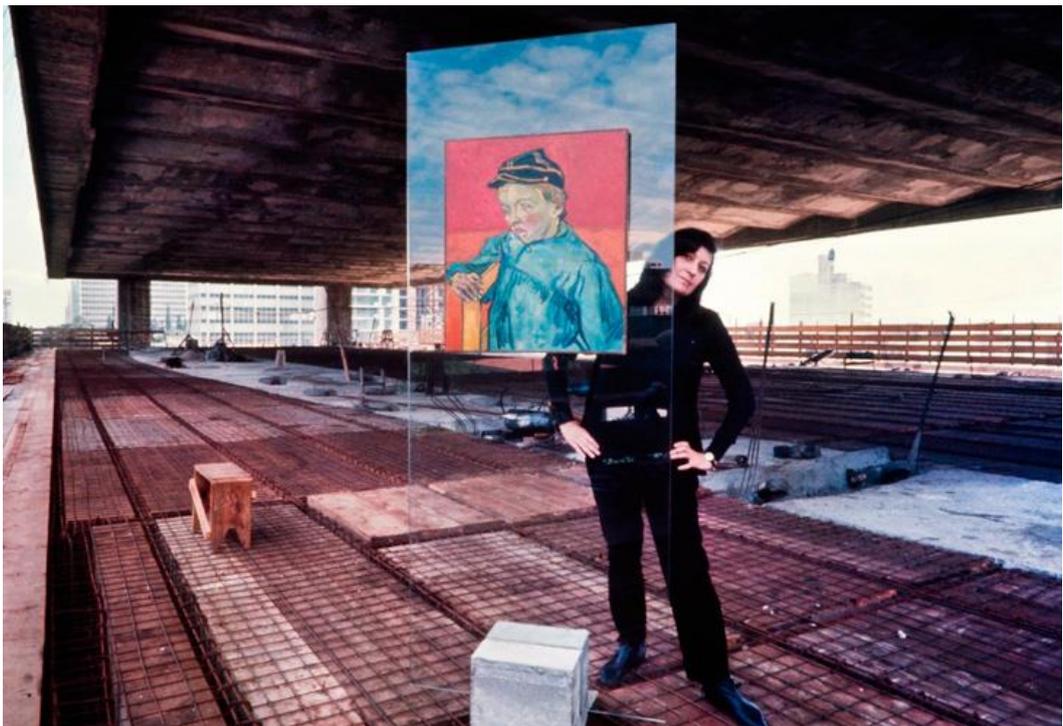
- 1- MASP - O Museu de Arte de São Paulo (Figura 13);
- 2- Casa de Vidro;
- 3- MAM - Museu da Arte Moderna de São Paulo (Figura 14);
- 4- Sesc Pompéia (Figura 15);
- 5- Teatro Oficina.

Figura 13 - Museu de Arte de São Paulo – MASP.



Fonte: Acervo Instituto Lina Bo e P. M. Bardi

Figura 14 - Museu de Arte de São Paulo – MASP.



Fonte: Acervo Instituto Lina Bo e P. M. Bardi

Figura 15 – Lina Bo Bardi no Sesc Pompeia, em São Paulo (SP), projetado por ela em 1986.



Fonte: Acervo Instituto Lina Bo e P. M. Bardi

Outra mulher em destaque foi a Evelyn Bloem Souto (1926-2017), sendo a única aluna da primeira turma do curso de Engenharia Civil da USP São Carlos. Em 1957, ela era a única mulher a frequentar a primeira turma do curso de engenharia civil (Figura 16) da Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos (SP).

Cita em entrevista ao site G1 em 2013 que durante uma visita à França, teve que se vestir de homem, colocar galochas e desenhar barba e bigode para poder participar da atividade e que seu interesse pela profissão surgiu ainda pequena. “Meu pai tinha um amigo que sempre nos visitava. Quando ele chegava, eu ia para a sala e ficava ouvindo a discussão dos dois sobre engenharia”, contou.

Com atuação destacada na engenharia, Evelyn conseguiu superar os obstáculos e se consolidar na área, inclusive transformando-se num personagem muito expressivo na EESC, onde também dedicou muitos anos à docência. Faleceu em 2017, mas tendo a oportunidade de ver a mudança e a conquista do espaço da mulher também nesse campo do conhecimento.

Figura 16 - Evelyn Bloem Souto na USP.



Fonte: Engenheira da USP já precisou usar bigode para participar de visita a Paris. Jornal G1 São Carlos e Araraquara. Publicado em 08/03/2013.

Evelyna (Figura 17) participou de processos cruciais no desenvolvimento da Escola - sua instalação, estruturação, consolidação, contribuindo para que a instituição viesse a se tornar referência nacional na área de Engenharia, com reforços constantes no desenvolvimento da sociedade brasileira por meio da difusão de conhecimentos.

Figura 17 - Evelyna Bloem Souto.



Fonte: Engenheira da USP já precisou usar bigode para participar de visita a Paris. Jornal G1 São Carlos e Araraquara. Publicado em 08/03/2013.

Como aluna na graduação, Evelynna participou de mais de 60 congressos por diversos países e constantemente recebia bolsas de estudos para desenvolver pesquisas em outras universidades, como na Harvard University. Após se formar, ela continuou suas atividades acadêmicas até adquirir o título de PhD e ministrou aulas de geotécnica na EESC até sua aposentadoria. Evelynna disse que enfrentou muitos desafios na profissão por ser mulher. “A primeira bolsa que consegui foi em Paris. Eu e mais 10 alunos homens fomos visitar um túnel que estava sendo feito para ligar a França à Itália. Eu fiz questão de estar lá porque sabia que posteriormente teríamos de construir túneis no Brasil, mas não queriam que eu entrasse. Fizeram com o que eu me vestisse de homem, colocasse galochas, prendesse o cabelo e desenhasse barba e bigode no meu rosto. Só assim pude verificar as obras. Essa foi a maior prova de preconceito que sofri na época”, relatou.

E para finalizar esses breves históricos com a inesquecível Carmen Velasco Portinho (Figura 18 e 19). Nascida em Corumbá, 26 de janeiro de 1903 e faleceu em Rio de Janeiro, 25 de julho de 2001. Foi uma engenheira, urbanista e feminista brasileira. Em 1919, lutou junto de Bertha Lutz e outras mulheres pelo direito ao voto. Foi vice-presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e uma das co-fundadoras e sendo a terceira mulher a se graduar em engenharia pela Escola Politécnica da Universidade do Brasil, foi a primeira mulher a ganhar o título de urbanista.

Figura 18 - Carmem Portinho 1903-2001.



Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil.

Ainda sobre a Carmem Portinho segundo o IAB (Instituto de Arquitetos do Brasil) a urbanista foi pioneira na luta feminista, fundando em 1922 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Figura 19 - Fotografia da Carmen Portinho em visita à obra.



Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil.

A iniciativa buscava igualdade entre os sexos e a independência da mulher. Junto com Berta Lutz, dedicou a vida em defesa de importantes temas como o direito das mulheres ao voto, a proteção às mães e à infância, a educação das mulheres e a valorização do trabalho feminino fora da esfera doméstica.

Em 1926, assim que se formou, foi nomeada engenheira-auxiliar (Figura 20) pelo então prefeito do Distrito Federal, Alaor Prata e assim Carmem ingressou no quadro de engenheiros da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura do Distrito Federal.

Na década de 1950, Carmen, então diretora do Departamento de Habitação Popular, propôs a construção do conjunto residencial ‘Pedregulho’, no bairro de São Cristóvão, cujo projeto arquitetônico ficou sob a responsabilidade de seu marido, Afonso Eduardo Reidy.

A idealização e construção dos conjuntos habitacionais deu-lhe projeção nacional e internacional, tornando-a uma engenheira de renome. No entanto, com a ascensão do jornalista Carlos Lacerda ao governo da Guanabara em 1962, Carmen pediu sua aposentadoria devido a divergências políticas irreconciliáveis com Lacerda.

Figura 20 - Lucio Costa e Carmen Portinho.



Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação – FAU/UFRJ – Brasil.

E não esquecer sobre ser uma das mulheres que em 1936 apresentou um projeto para a nova capital à Universidade do Distrito Federal para obtenção do título de urbanista. Avançado ao pensamento nacional de planejamento urbano da década de 1930, esse material sintetiza as principais teorias do período, adequando-as às condições brasileiras. Define um modelo de cidade moderna, ao confluir o racionalismo técnico às adaptações nacionais.

O desenho de Carmen lembra um transatlântico e teria de ser construído em um território maior que um avião — ela planejou uma capital para 2 milhões de habitantes.

Os edifícios localizavam-se bem próximos às nascentes dos rios existentes, afluentes do Paranoá, estabelecendo – entre todos os projetos – a relação de maior proximidade com o potencial hidrográfico da região.

O transatlântico projetado pela engenheira era setorizado de acordo com usos e densidades específicas. Zonas residenciais, centro de negócios, centro cívico, centro cultural, parques, zona de transporte, setor de hotéis e embaixadas e zona industrial. “É um projeto mais elaborado, de uma época em que havia um grande debate sobre o urbanismo com influência do Le Corbusier.

Já havia uma teoria do urbanismo que influenciava muito essa relação com o lado de fora da cidade e buscando uma informalidade relativa com outros critérios de organização”,

afirma o arquiteto e professor aposentado da Universidade de Brasília (UnB) José Carlos Córdova Coutinho em entrevista dada a agência do Distrito Federal.

A carioca Márcia Cristina Santos da Silva (Figura 21), 49 anos, é a primeira mestra de obras do Brasil. Nesta entrevista, conheceremos um pouco de sua história de pioneirismo e liderança na Construção Civil. Ela relatou ao blog do Sienge as dificuldades que enfrentou para exercer a profissão e os desafios apresentados às mulheres no canteiro de obras. Também falou sobre sua luta contra a desigualdade salarial e sua atuação para aumentar a presença feminina no setor.

Figura 21 - Márcia Cristina Santos da Silva, 2018.



Fonte Arquivo pessoal, nov.2018

SIENGE – Como você aprendeu o ofício?

Meu pai sempre trabalhou em obras e continua até hoje. Quando eu era criança, chegava da escola na hora do almoço e tinha de levar a marmita para ele. Eu devia voltar logo para cuidar dos meus irmãos, mas raramente fazia isso, pois ficava olhando ele trabalhar. Assim, aos poucos, fui tomando gosto pelo ofício e aprendendo algumas coisas.

Mais tarde, precisei construir sozinha a casa onde moro até hoje. No início era um barraco de madeira, porque estava localizado em uma área de desapropriação. Só ergui uma casa de alvenaria quando obtive autorização.

Na época, éramos somente eu e uma filha pequena. Não havia ninguém para ajudar. Tive de aprender ‘na marra’. Os primeiros tijolos ficaram tortos, assim como o piso e contrapiso. Mas era melhor do que ficar no barro puro.

Eu já gostava de obras desde criança, e a necessidade me fez gostar ainda mais. Depois, decidi fazer cursos nessa área. Às vezes, eu era a única mulher na turma.

SIENGE – Como foi o início de sua vida profissional?

Comecei há 20 anos, como ajudante de obras, peneirando areia e carregando material para os pedreiros. Depois fui apontadora, liberando frentes de trabalho, e também almoxarife.

Contudo, o preconceito me levou a sair de vários empregos. Eu começava, mas era difícil permanecer devido ao modo como era tratada. Fui muito subestimada, desqualificada e desafiada pelo simples fato de ser mulher. Precisava estar constantemente provando minha capacidade.

Isso sem falar na disparidade salarial em relação aos homens que exerciam a mesma função. Eu achava isso um absurdo. A falta de oportunidades era desestimulante.

Às vezes, eu ia para o banheiro chorar. Mas dizia para mim mesma: não vou desistir!

SIENGE – De que forma sua família encarava sua escolha profissional?

Encontrei dificuldades até com meu ex-marido. Ele não aceitava meu trabalho.

Certa vez, precisei fazer um curso na área da Construção Civil escondida. Um belo dia, não aguentei mais e contei a verdade. Ele foi embora de casa. Nos separamos incontáveis vezes por causa do meu sonho de ter uma carreira no setor. E olha que quando nos conhecemos eu já trabalhava em obras.

SIENGE – Pesquisas indicam que, na Construção Civil, ainda há disparidade salarial entre homens e mulheres. Você passou por isso?

Sofri isso na pele, e procurei formas de lutar contra a desigualdade.

De 2013 a 2015, trabalhei para o Sintraconst (Figura 22) [Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil do Município do Rio de Janeiro]. Fiscalizava as obras e sempre buscava inserir mulheres nos canteiros, exigindo estrutura para ambos os sexos.

Nessa época, viajei pelo Brasil dando palestras no seminário “Salário igual para trabalho igual”. Estive em Belo Horizonte, Brasília, Florianópolis, Rio de Janeiro e São Paulo falando sobre a importância da equiparação salarial entre homens e mulheres.

SIENGE – Quais são as vantagens de contratar mulheres nos canteiros de obras?

As mulheres são detalhistas, perfeccionistas e pontuais. São excelentes, por exemplo, em trabalhos de acabamento. Como também são muito cuidadosas, há menos desperdício de material na obra.

Além disso, deixam o ambiente mais agradável, ‘florido’, familiar e aconchegante. Na sua presença, os homens passam a tomar mais cuidado com o comportamento e o linguajar.

SIENGE – Como você avalia a qualificação da mão de obra feminina?

Geralmente, quando o homem começa a trabalhar em obras, ele vai aprendendo na prática. Ingressa como ajudante, às vezes mal sabendo peneirar um material, e vai crescendo de acordo com seu desempenho. De ajudante passa a pedreiro, ladrilheiro... até se tornar encarregado e mestre de obras.

A mulher tem um diferencial. Ela já ingressa na obra qualificada, pois sabe que é um ambiente masculinizado, em que encontrará barreiras para crescer. Eu, por exemplo, entrei como ajudante e fui sendo promovida porque busquei adquirir conhecimento fora da obra.

Mas não falta oportunidade de aperfeiçoamento técnico, pois há instituições que oferecem cursos gratuitos. O que falta, na minha opinião, são campanhas de incentivo por parte das empresas. Os gestores precisam investir na qualificação de suas equipes. Os canteiros escola são uma boa maneira de fazer isso.

SIENGE – O que é necessário para ser uma boa mestra de obras?

Coragem. É um emprego em que você terá poucas colegas, ou nenhuma, exercendo a mesma função. Você será pioneira e precisa impor respeito, pois a presença masculina será muito maior.

O desafio é ainda mais intenso porque a mulher não exerce somente essa função. A gente sai do trabalho e ainda tem de pegar os filhos na escola ou na casa de familiares, ajudá-los no dever, fazer comida e cuidar da casa. Das 24 horas do dia, muitas vezes a mulher trabalha 18 horas.

SIENGE – Como evitar desperdício no canteiro de obras?

É difícil. Frequentemente falta cuidado e capricho por parte dos trabalhadores, o que gera retrabalho.

Uma alternativa que encontrei foi advertir os empreiteiros de que passaria a descontar o valor do material desperdiçado. Eles, por sua vez, transmitiam a informação aos funcionários.

A possibilidade de “mexer no bolso” funcionava tão bem que acabava não sendo necessário descontar valor algum.

SIENGE – Quais são as principais carências técnicas entre os trabalhadores da construção?

Na minha opinião, há carência de eletricitistas e carpinteiros qualificados no mercado.

Também é difícil encontrar profissionais especializados em impermeabilização, pois faltam cursos na área.

SIENGE – É difícil supervisionar os trabalhadores no canteiro (Figura 23)?

Como em todos os setores, há aqueles que chamo de ‘desertores’. Em uma obra, temos de supervisionar várias frentes de trabalho. Às vezes, quando você não está por perto, alguns trabalhadores ‘somem’, principalmente quando se trata de ajudantes.

Para evitar isso, orientamos o profissional que trabalha por produção a dar uma bonificação ao ajudante, cujo salário é fixo. Assim, quanto mais produzir, mais ganhará. Isso faz com que ele não queira perder tempo. Se for preciso pegar três sacos de argamassa, ele vai querer voltar rápido para que a produção continue.

Felizmente ou infelizmente, esse tipo de motivação ajuda muito.

Figura 22 - Sintraconst [Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil do Município do Rio de Janeiro], 2015.



Fonte Arquivo pessoal, nov.2018

Figura 23 – Atuando em obra, 2018.



Fonte Arquivo pessoal, nov.2018

Não podendo esquecer a Arquiteta e urbanista Zaida Muxí Martínez (Figuras 24 e 25) nascida em Buenos Aires, 1964 e graduada pela Faculdade de Arquitetura, Design e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires, doutora pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Sevilha e professora na Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona.

Coordena junto a Josep Maria Montaner o Mestrado Laboratório da Habitação no século XXI da Universidade Politécnica da Catalunha. É conhecida por sua atuação nos temas de espaço e gênero.

Figura 24 – Foto Francesc Polop da Zaida Muxí Martínez, Barcelona, 2018.



Fonte: Abritta, Daniela. Entrevista com Zaida Muxí Cidade, política e gênero. Vitruvius. 075.02ano 19, set. 2018

Figura 25 – Mextrópolis 2022: Conversa com Zaida Muxi sobre arquitetura, urbanismo e gênero.



Fonte: Congresso Mextrópolis – Cidade do México, 2022. Acesso 15 de Jun. de 2024

Em entrevista pela Revista Vitruvius em 2018, a arquiteta citava sua visão marcante sobre assuntos de gênero (Figura 26):

“Há várias coisas... por um lado está a perspectiva de gênero no urbanismo. Entretanto, antes de falar sobre isso é preciso fazer uma reflexão sobre a presença ou ausência das mulheres na história da arquitetura e do urbanismo e, portanto, nas referências bibliográficas que utilizamos em nossas aulas e disciplinas lecionadas. Peço-lhe permissão para ampliar essa pergunta para questionar aos jovens, mulheres e homens, estudantes de arquitetura e urbanismo se acreditam que as companheiras de classe são mais idiotas que eles, de modo que, dentro de dez anos eles serão famosos e elas não. Não há nada que nos incomoda mais, tanto a mulheres quanto a homens, mas isso se reflete diretamente nas mulheres quando percebemos que quem se torna visível na profissão são, em sua maioria, homens, e especialmente aqueles que, em arquitetura, optam pela área de projetos. Em geral, arquitetos reconhecidos na área de projetos são homens. Obviamente há algumas mulheres que também tiveram sucesso na área, mas são consideradas a exceção à regra. Somos metade da população e não há nada que explique porque as mulheres não são famosas. Possivelmente isso já estaria ligado a uma questão de gênero: temos menos acesso ao poder. “

Nessa mesma entrevista:

E quando perguntada sobre o urbanismo com perspectiva de gênero é o mesmo que urbanismo feminista? Zaida responde: Eles se tocam, mas na minha interpretação, se diz urbanismo com perspectiva de gênero, por ser um termo mais neutro e, de certa forma, se desliga um pouco do feminismo, que poderia provocar rejeição por parte de certas pessoas. Isso porque o feminismo é um movimento internacional que luta pela igualdade dos direitos reais de todas as mulheres e de todos os homens e, às vezes é mal-entendido. Podemos dizer que houve três ondas de movimentos feministas modernos: a primeira, derivada da Revolução Francesa até o final do século 19; a segunda, ocorrida na metade do século 20; e o movimento feminista dos anos 1980. Há também quem se refira aos diferentes movimentos feministas atuais como a quarta onda.

Quase todos os movimentos feministas vêm dessas ondas, como momentos muito tranquilos, para explicar, para se fazer entender, para dizer o que buscam, mas chega um momento que cansam e podem tornar-se mais enfáticos na luta e, às vezes, estigmatizado. Então eu acho que quando passam a utilizar gênero, especialmente como termo político nos anos 1980 e 1990, para se desvincular do movimento feminista – que a partir daí estava sempre associado à reivindicação de uma mulher poder amar outra mulher (não que o movimento fosse somente isso, mas era visto assim pela sociedade).

Isso gerou um estereótipo de mulher feminista, visão estereotipada carregada de uma série de preconceitos, o que fez com que usássemos o termo gênero. É algo delicado. Acredito que é por isso que tem sido mais aceito falar em urbanismo com perspectiva de gênero do que o urbanismo feminista. Neste sentido, o feminismo, ou o movimento feminista atual estaria destinado a buscar as condições para uma efetiva igualdade no acesso à cidade, a mulheres e homens, e, possivelmente viabilizar uma transformação urbana a partir da igualdade e, portanto, da experiência múltipla das mulheres, que está ligada à perspectiva de gênero. Um termo é mais uma filosofia, uma prática política, e o outro é uma ferramenta para incorporar essa perspectiva.

Figura 26 - Intervenções urbanísticas sob a perspectiva de gênero, Praça das Mulheres de Nou Barris junto à habitação social coletiva.



Fonte: Daniela Abritta Cota Entrevista com Zaida Muxí. Cidade, política e gênero.2019.

Como a própria Zaida (2018) cita, as mulheres estiveram ativamente presentes em todos momentos historicamente decisivos da cultura ocidental, mas eles foram tornados invisíveis. Por que é tão difícil encontrar uma rua? Uma praça ou espaço público comemorativo com o nome mulher (que não é rainha ou santa), sendo uma pessoa direta e evidente de reconhecer presença e construir discurso e história?

Este é um problema ainda presente hoje; apenas um é reconhecido maneira de fazer e explicar as coisas para as mulheres que quebraram tabus e hierarquias foram silenciadas, deixadas de lado, esquecido. Elas não se enquadram no 'ser' mulher construído a partir estrutura de gênero dual e exclusiva.

Trata-se de quebrar os papéis que atribuem atividades e espaços determinado e predefinido, mas enquanto assim for, é necessário dizer de outra forma, e das responsabilidades de gênero feminino, quais são os requisitos que devem ser atendidos uma cidade, um bairro, uma rua e uma casa.

Na verdade, mesmo em tempos atuais a construção civil ainda enfrenta muito preconceito no que diz respeito à presença de mulheres em canteiro de obras. No entanto, com a evolução das tecnologias e da mentalidade da sociedade, aos poucos a ideia de que só é possível trabalhar na área tendo força bruta começa a cair por terra.

### 3 Estudos de caso

A construção civil está em crise? Para as mulheres, não parece. Segundo o blog Massa Cinzenta as mulheres descobriram um mercado de trabalho positivo nos canteiros de obras e já são mais de 200 mil atuando no país.

O mercado para as mulheres no setor cresceu cerca de 120% de 2007 até o primeiro semestre de 2018, segundo os dados mais atuais do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE). Em 2007, existiam 109.006 trabalhadoras registradas. Em 2018, são 239.242.

A mão de obra feminina na construção civil também está beneficiada pelos avanços tecnológicos no canteiro de obra, que cada vez mais dispensa a força física e privilegia a qualificação profissional e a justificativa de quem contrata é que as mulheres são mais precisas e têm mais foco nos detalhes, principalmente em operações de acabamento (Figura 27).

Figura 27 – Vista em canteiro de obra.



Fonte: Arquivo pessoal.

### 3.1 Estudo de caso 01

O Projeto Mão na Massa (Figura 28). Foi idealizado pela engenheira civil Deise Gravina, que sempre esteve envolvida em obras sociais e como diretora do Abrigo Maria Imaculada, localizado no bairro do Rocha, no Rio de Janeiro, Deise buscava alternativas para diminuir as desigualdades e oferecer oportunidades às mulheres da comunidade interessadas em aprender as técnicas da profissão e ingressar nesse mercado. Logo cedo, Deise percebeu que a Construção Civil poderia ser um caminho para profissionalizar mulheres especialmente

de baixa renda e que estivessem em condição vulnerável. Em 2016, uma pesquisa realizada com 216 mulheres na Comunidade Dois de maio, que faz parte do complexo de favelas do Jacarezinho, no Rio de Janeiro, mostrou que sua percepção estava correta.

As mulheres apontaram na pesquisa que não havia demanda para ocupações como manicure e cabeleireira, normalmente oferecidas por projetos sociais onde moravam, e várias delas disseram já realizar obras e buscavam uma especialização. Em 2007, foi criada a primeira turma e, em 2018, o projeto abriu sua 15ª edição. Pioneiro no país, o Mão na Massa formou 1.200 mulheres que atuam como eletricitas, pedreiras, carpinteiras de obra e pintoras. Até 2020, mais 240 mulheres serão profissionalizadas.

Figura 28 – Imagem de aula prática



Fonte: <https://www.projetoamaonamassa.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Toda a metodologia do projeto foi elaborada a partir da expectativa das mulheres e das necessidades do mercado e vem sendo replicada em iniciativas por todo o Brasil (Figuras 29 e 30). Muitas das mulheres formadas pelo Projeto Mão na Massa hoje trabalham em empresas do setor, integram cooperativas ou são microempreendedoras individuais.

O Projeto é dividido em três etapas, visando um olhar integral para o desenvolvimento das mulheres. A formação social, profissional e prática é oferecida gratuitamente às participantes. Com mais de 500 horas/aulas, é pautada no conhecimento e apropriação da capacidade intelectual, técnica, cultural e cidadã. Além das aulas e do diploma reconhecido

nacionalmente (SENAI OU FAETEC), elas recebem benefícios como vale-transporte, bolsa auxílio, alimentação diária, materiais de estudo e equipamento de proteção individual. Ao final da capacitação, ainda ganham um cartão de visitas personalizado e um kit de ferramentas para iniciar serviços e gerar renda. Mulheres em situação de vulnerabilidade social de 18 a 45 anos e com escolaridade a partir do 5º ano fundamental, com o total de 560 horas aula. O Projeto Mão na Massa – Mulheres na Construção Civil é realizado pelo Instituto Protetor dos Pobres e Crianças Abrigo Maria Imaculada (IPPCAMI) e atua parceria com a Petrobras por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

Figura 29 – Imagem de aula prática em canteiro de obra.



Fonte: <https://www.projetoamaonamassa.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Figura 30 – Imagem de aula prática.



Fonte: <https://www.projetoamaonamassa.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

A idealizadora é a engenheira civil Deise Gravina (Figura 31), idealizadora do Projeto Mão na Massa, sempre esteve ligada a obras sociais. Diretora do Abrigo Maria Imaculada, situado no bairro do Rocha, no Rio de Janeiro, por seu envolvimento na área, Deise é mais conhecida como “Engenheira Social”.

Figura 31 – Imagem da Engenheira Deise.



Fonte: <https://www.projetoamaonamassa.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

### 3.2 Estudo de caso 02

Até a oficialização da Concreto Rosa, no Rio de Janeiro, Geisa Garibaldi sua fundadora (Figura 53) passou por momentos que a inspiraram ainda mais no desenvolvimento de seu projeto. Sua mãe foi a maior referência: “ela era empregada doméstica, não tinha letramento, e construiu a nossa casa”. Na época, por não ter muito dinheiro para comprar materiais, Geisa lembra que sua mãe foi fazendo a obra aos poucos.

Somada a sua referência materna, a inclinação em ser uma pessoa que já gostava de fazer reparos, pintar ou trocar o chuveiro, também foi um grande estímulo para empreender. “Sempre gostei de decoração, de plantas e de ter uma casa com conforto e qualidade, porque quando criança, eu vi o meu lar se transformando. Então, vi que é possível mudar a nossa realidade”, relata.

Em 2015, em meio a uma crise existencial, Geisa a fundadora do Projeto Rosa agarrou uma oportunidade para transformar a sua vida. Ela viu um anúncio para o curso de pedreira do projeto Mão na Massa, voltado só para mulheres. Eram 70 vagas, e ela ficou na 400ª posição e ela insistiu e, assim que houve uma desistência, acabou sendo chamada para o curso.

Lá, encontrou outras mulheres que, assim como ela, eram negras, chefes de família e estavam cansadas do mercado de trabalho que se apresentava de forma hostil a elas.

Após sair da Baixada Fluminense e realizado esse que no final as participantes ganhavam ferramentas. “Fiz um panfleto, criei uma página no Facebook e comecei a divulgar meu trabalho. Então, com dois reais no bolso e uma ideia na cabeça, surgiu a Concreto Rosa, oficializada em 2015”, conta Geisa. “A Concreto é rosa, mas a pele é preta”

Contratar mão de obra feminina qualificada que faz tudo, desde de pequenos reparos a projetos de reformas ou construção em geral com orçamentos não abusivos, qualidade de serviço e confiabilidade entre prestadora de serviço e cliente.

Com isso a Concreto Rosa (Figura 32) tornou-se uma referência de prestação de serviço acessível, modificando o mercado atual predominantemente masculino e possibilitando que a mulher trabalhe de forma justa e igualitária.

Hoje, a Concreto Rosa conta com funcionárias, todas mulheres, para realizar serviços de construção, reforma residencial, pintura, hidráulica e elétrica. Outro fator que pesou na hora de decidir montar o próprio negócio foi a percepção de que as mulheres enfrentam diversos problemas, como assédio e constrangimentos, na hora de contratar esses serviços.



Fonte: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/inspirada-pela-mae-pedreira-cria-empresa-na-area-da-construcao-civil/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Esse é o projeto Concreto Rosa é uma empresa de mulheres que promove no seu slogan a inovação e diversidade no mercado da construção civil e todos os serviços são prestados por mulheres. São engenheiras, arquitetas, pedreiras, eletricitistas e pintoras, situada no Rio de Janeiro, desde 2015 e hoje atua em diversas áreas de serviços (Figuras 32 a 36). Como também atuam em palestras, workshop e oficinas e a carga horária é conforme o contratante/patrocinador (Figura 37).

Figura 33 – Serviços oferecidos pela Concreto Rosa.



Instalações hidráulicas em geral;  
Manutenções em geral;  
Troca de peças (Sifão, Torneiras, Filtros);  
Limpeza de caixa de gordura;  
Substituição de louças e metais;  
Limpeza de Caixa d'água;  
Instalação e manutenção de sistemas de combate a incêndio (extintores, mangueiras, sprinklers).



Instalação, manutenção e limpeza de ar-condicionado



Instalações elétricas em geral;  
Manutenções em geral;  
Instalação de equipamentos eletrônicos;  
Instalação de ventiladores de teto, lustres,  
chuveiros e muito mais.



Reforma em geral e Serviços de Acabamento  
Emboço com clarofilito  
Construção de muros, casas, etc;  
Reforma de banheiro;  
Manutenção de pisos e rebocos;  
Impermeabilização de paredes e tetos;  
Limpeza após Obra;

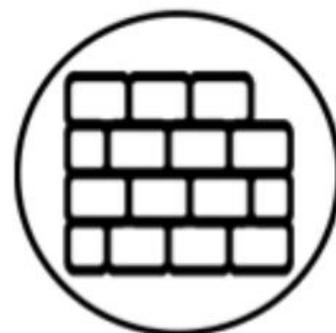
Fonte: <https://www.concretorosa.com.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Figura 34 – Serviços oferecidos pela Concreto Rosa.



Instalação e montagem de prateleiras ,qua-  
dros, araras,cortinas, persianas, nichos de  
parede, suporte de TV, etc;

Montagem e desmontagem de móveis



Instalação de porcelanatos;  
Assentamento de pisos, limpeza e ajustes  
em alvenaria;  
Instalação de pisos e azulejos, limpeza e  
ajustes;

Fonte: <https://www.concretorosa.com.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Figura 35- Serviços oferecidos pela Concreto Rosa.



Pintura interna e externa;  
Pintura decorativa;  
Pintura pós mudança;  
Aplicação de texturas e grafíatos;  
Pinturas sobre Gesso e Azulejo;  
Pintura de portas e portões.



Aplicação de Papel de Parede

Fonte: <https://www.concretorosa.com.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Figura 36 - Geisa Garibaldi - Fundadora da Concreto Rosa.



Fonte: <https://concretorosa.wixsite.com>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Figura 37 - A Concreto Rosa também faz parte de oficinas que oferecem capacitações para mulheres trabalharem no setor da construção civil.



Fonte: <https://concretorosa.wixsite.com>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Mulheres engajadas, com foco na promoção da equidade de gênero e empoderamento treinadas em oficinas de reparos, marcenaria, reformas e projetos de arquitetura e engenharia e o seu surgimento do Concreto Rosa veio através da percepção de como era escassa a mão de obra feminina em serviços do dia a dia e como era caro contratar homens.

### 3.3 Estudo de caso 03

A Mulher em Construção é uma organização social que visa a inclusão da mulher periférica no mercado de trabalho da construção civil através da promoção da autonomia, da cidadania e do empoderamento daquelas que se encontram em situação de vulnerabilidade e violência doméstica. Em um mercado predominantemente masculino, a organização capacita essas mulheres, lutando pela redução da desigualdade e incentivando a diversidade de gênero.

A ONG foi criada a partir de um projeto piloto implementado em 2006, no município de Canoas (RS). Bia Kern (Figura 38). Fundadora da ONG, é uma gaúcha que, adulta, chegou onde queria: mostrar à mulher desfavorecida economicamente que ela tem força e talento para vencer com seu próprio dom.

Bia, mesmo sem conhecimento na área, teve a iniciativa de firmar parceria entre professores voluntários e empresas ligadas à construção civil para ensinar às mulheres

técnicas de pintura predial e texturas. “Quem foi que disse que uma mulher não pode erguer muros, misturar cimento, subir em andaimes e construir um futuro melhor?”

Para mim, ninguém disse isso. Ao contrário, eu sempre ouvi da minha mãe, Dona Diva, que a mulher precisa ser independente e batalhadora, sem deixar de ser parceira do homem. No lar, junto com três irmãos e três irmãs, aprendi que não tem coisa de homem nem coisa de mulher. Todo mundo pode e deve lutar pela sua felicidade, de preferência unido, sem disputa ou concorrência” relata Bia.

Em 2008, ciente de que poderia ir muito além, Bia resolveu largar tudo, pedir apoio da família e apostar no seu sonho. Vendeu sua casa, contraiu uma dívida no banco. Nascia, assim, a Mulher em Construção. Foi com este espírito que Bia organizou o primeiro curso, mais de 300 interessadas se inscreveram para ocupar 25 vagas disponíveis. As aulas teóricas e práticas foram realizadas no Asilo Lar da Fraternidade, beneficiando os moradores com a remodelação das instalações internas.

Figura 38 – Bia Kern Fundadora da Mulher em Construção.



Fonte: <https://www.mulheremconstrucao.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

O sucesso da iniciativa levou à formação da instituição Mulher em Construção que, de lá para cá, já atendeu mais de 6.000 mulheres diretamente com cursos e oficinas gratuitas de capacitação para diversas áreas da construção civil (Figura 39,40) e mais de 60.000 pessoas de forma indireta.

Oferecendo também palestras personalizadas, presenciais ou remotas, onde compartilhamos nossa história, conquistas e depoimentos de alunas. Adaptamos o conteúdo às necessidades da sua empresa, promovendo diversidade e inclusão e a carga horária varia do patrocínio ou patrocinador.

Figura 39 – Entrega de diplomas do curso de capacitação.



Fonte: <https://www.mulheremconstrucao.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Figura 40 – Curso de Pintura.



Fonte: <https://www.mulheremconstrucao.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Desde então, a ONG vem disseminando sua metodologia (Figuras 41 a 44) em parceria com diversos órgãos públicos e empresas que reconhecem a importância do projeto e

apostam na inserção da mulher na construção civil devido a seu grande potencial produtivo e de organização. Os treinamentos incluem leitura e interpretação de planta baixa, empreendedorismo e cooperativismo e ainda, desenvolvimento de pensamento crítico com relação a sexualidade, autoestima, empoderamento, sustentabilidade e relações interpessoais no local de trabalho. Desde 2007, foram formadas 1.200 mulheres de 18 a 45 anos, com escolaridade igual ou superior ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Figura 41 – Conteúdo trabalhado nos cursos.



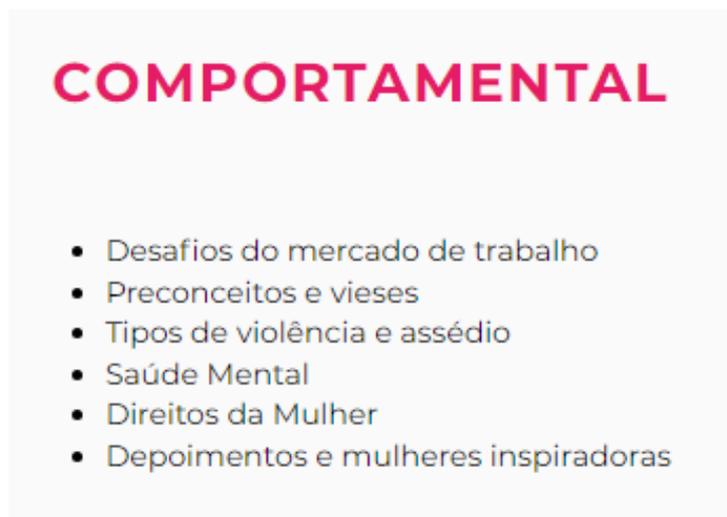
Fonte: <https://www.mulheremconstrucao.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Figura 42 – Vista em canteiro de obra.



Fonte: <https://www.mulheremconstrucao.org.br/>. Acesso em 30 de Set. de 2023.

Figura 43 – Conteúdo trabalhado nos cursos.



Fonte: <https://www.mulheremconstrucao.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

O programa Cimento e Batom (Figura 61). É nosso carro chefe e tem como público alvo mulheres em situação de risco social e econômico. Nesta capacitação, elas recebem formação técnica e prática em diversas modalidades da construção civil e também suporte emocional e comportamental. Este programa é patrocinado por empresas e gratuito para as participantes.

Figura 44 – Curso de capacitação cimento e batom.



Fonte: <https://www.mulheremconstrucao.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

O Projeto Divas na Construção Civil (Figura 45). Capacita, qualifica, atualiza e ampara mulheres que estão fora do mercado de trabalho e que buscam se recolocar e aprender sobre construção civil. Qualificação de mão de obra feminina oferecida através de oficinas, através de oficinas de capacitação, ensinando teoria e prática para mulheres em situação de vulnerabilidade. Formando mão de obra feminina qualificada gerando inclusão e mais igualdade no mercado. Neste projeto, fazemos a reconstrução da moradia de uma de nossas ex-alunas, ensinando e levantando a casa ao mesmo tempo! Preparar mulheres para atender ao mercado da construção civil é uma necessidade urgente.

Figura 45 – Divas na Construção civil.



Fonte: <https://www.mulheremconstrucao.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

A ONG criou vários tipos de parcerias e inclusive o Selo Rosa (Figura 46). Para empresa parceira e mantenedoras que apoiam a missão da organização e se comprometem com a mudança da política de gênero dentro da empresa, todas com o intuito de promover e patrocinar cursos que desenvolvam a capacidade profissional e pessoal de cada mulher.

Figura 46 – Imagem do selo rosa.



Fonte: <https://www.mulheremconstrucao.org.br/>. Acesso em 30 de Set. 2023.

Relacionando esses estudos acima mencionados, trago uma parte sobre os cursos relacionados ao programa, “Mulheres na Construção”, que foi criado em 09 de agosto de 2012, fruto de uma parceria entre o Instituto Federal de Brasília (IFB), a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco) e o Governo do Distrito Federal (GDF), (Figura 47). Para participar da seleção era preciso ter, no mínimo, 18 anos de idade e ter concluído a primeira fase do Ensino Fundamental, antiga 4ª série do primário. A seleção será feita seguindo critérios como renda, número de filhos, local de moradia, entre outros.

O programa vem sendo executado pelo Campus Samambaia desde 2012 e, até o momento, o IFB certificou 391 mulheres como pintoras e azulejistas, com aulas teóricas e práticas, porque a prática para quem quer se qualificar nessa área é primordial. Durante as aulas, as alunas puderam reformar Centros Comunitários de Samambaia, para colocarem em prática o que lhes fora ensinado em sala de aula.

Figura 47 – Imagem da formatura da terceira e última turma do curso Mulheres na Construção – 2012.



Fonte: IFB – Instituto federal de Brasília. Campus Boca da Mata.

A coordenadora do programa que foram no total de três edições, Joseleide da Silva, ressalta a importância desse projeto na vida das mulheres. “Essas mulheres estão saindo daqui qualificadas, e o mercado de trabalho tem reconhecido isso. É uma honra poder passar um pouco mais de conhecimento para essas mulheres”, afirma em entrevista na página do IFB-Campus Samambaia.

Agora, no momento será relatada uma entrevista por telefone realizada de minha autoria e gestão, para retratar a experiência de três antigas alunas formadas no curso Mulheres na Construção, com essa ferramenta é possível entender de maneira mais íntima a percepção sobre o que cada aluna pensou e pensa sobre esse leque na área de capacitação profissional.

Entrevista 01 – (Figuras 48 a 52):

Pergunta: Nome Completo?

Resposta: Adriana Gomes da Rocha.

Pergunta: Qual sua escolaridade?

Resposta: 2º grau completo.

Pergunta: Qual o motivo que a levou escolher o curso Mulheres na Construção?

Resposta: A oportunidade de me especializar numa profissão.

Pergunta: Como você avalia a sua trajetória no curso Mulheres na Construção? Porquê?

Resposta: Ótimo, eu já gostava muito de mexer com pintura.

Pergunta: O que aprendeu no curso Mulheres na Construção?

Resposta: O conhecimento técnico.

Pergunta: Atua na área da Construção Civil? Em que área?

Resposta: Não atuo na área da construção civil, como empregado de construtora, porém faço serviço particulares de pintura em geral.

Pergunta: Quais foram os pontos fortes no curso Mulheres na Construção?

Resposta: Foram conhecer diversos tipos de Tintas e suas funções e como aplicar (no meu caso PINTOR DE PAREDES). Empreendedorismo, como tratar o cliente etc.

Pergunta: Quais foram os pontos fracos no curso Mulheres na Construção?

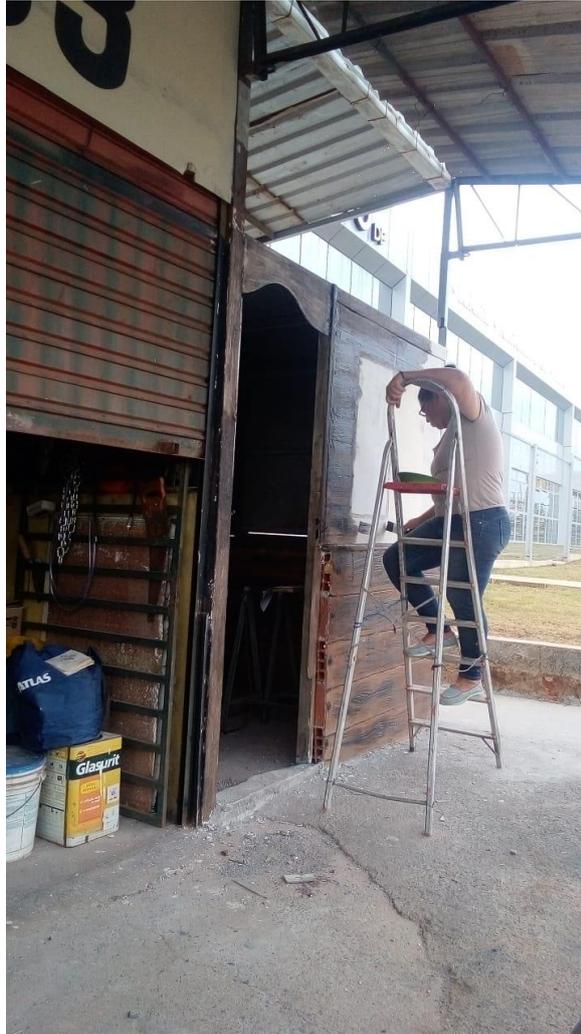
Resposta: Poderia ter um encaminhamento para o trabalho na área da construção civil, parceria com construtoras.

Figura 48 – Foto atuando com pinturas especiais.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 49 – Foto atuando com pintura de fachada comercial.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 50 – Foto atuando.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 51 – Foto executando pintura.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 52 – Foto com a professora Yone Roberta.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Entrevista 02 (Figuras 53 a 60):

Pergunta: Nome Completo?

Resposta: Jurania de Santana Rodrigues.

Pergunta: Qual sua escolaridade?

Resposta: Escolaridade superior completo em pedagogia

Pergunta: Qual o motivo que a levou escolher o curso Mulheres na Construção?

Resposta: A escolha do curso foi na época necessidade de ter uma profissão que me proporcionasse uma melhor condição de vida para mim e meu filho é também.

Pergunta: Como você avalia a sua trajetória no curso Mulheres na Construção? Porque?

Resposta: Ótimo, a vontade de aprender e um dia colocar em prática, assim como fiz em casa.

Pergunta: O que aprendeu no curso Mulheres na Construção?

Resposta: Aprendi muito sobre técnicas de pintura.

Pergunta: Atua na área da Construção Civil? Em que área?

Resposta: Não atuo na área da construção civil.

Pergunta: Quais foram os pontos fortes no curso Mulheres na Construção?

Resposta: Está reunida com mulheres que foram exemplos de coragem e determinação.

Pergunta: Quais foram os pontos fracos no curso Mulheres na Construção?

Resposta: Foi a falta de patrocínio e o preconceito de que as mulheres não são capazes de fazer alguma coisa na área da construção civil.

Figura 53 – Foto em tempos de curso.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Figura 54 – Foto do primeiro dia na sala de aula com a professora Yone Roberta, que pedia para falarmos quem somos, o que fazemos e que queríamos nesse curso.



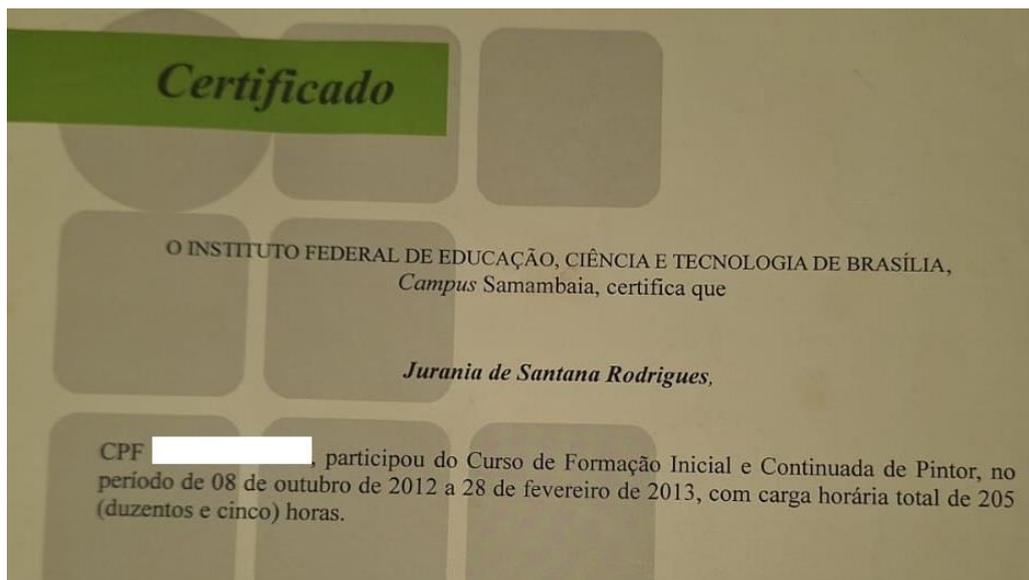
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Figura 55 – Foto da camiseta do curso.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 56 – Foto do Certificado do curso.



Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Entrevista 03:

Pergunta: Nome Completo?

Resposta: Maria do Perpetuo Socorro Macedo Morato.

Pergunta: Qual sua escolaridade?

Resposta: 2º grau completo.

Pergunta: Qual o motivo que a levou escolher o curso Mulheres na Construção?

Resposta: Porque achei interessante a área da cerâmica.

Pergunta: Como você avalia a sua trajetória no curso Mulheres na Construção? Porque?

Resposta: Ótimo, as mulheres geralmente não se viam na construção civil.

Pergunta: O que aprendeu no curso Mulheres na Construção?

Resposta: Aprendi colocar cerâmica, medir cômodos, aprendi muita coisa nesse curso.

Pergunta: Atua na área da Construção Civil? Em que área?

Resposta: Não atuo na área da construção civil.

Pergunta: Quais foram os pontos fortes no curso Mulheres na Construção?

Resposta: Foi aprender e achava que era muito difícil colocar uma cerâmica numa casa e vi muitas outras mulheres interessadas, fizemos amizades no curso, os professores eram muito bons.

Pergunta: Quais foram os pontos fracos no curso Mulheres na Construção?

Resposta: Foi o preconceito sobre as mulheres estarem nessa área, e também não é valorizado o trabalho da mulher na construção.

#### 4 DIAGNÓSTICO

Os Estudos de Caso aqui descritos, trazem em sua essência uma visão além da questão profissional ou financeira, tratam diretamente de forma pontual e assertiva a superação feminina e paralelamente a auto estima, e esses são pontos fundamentais num ambiente que existe uma dificuldade empregatícia e limitante em vários aspectos.

Os cursos variam na questão de carga horária, observou-se a oferta de palestras, oficinas, até workshop com poucas horas, todavia tem cursos de longa duração, pois depende de patrocínio e parcerias, e isso foi detectado nos contatos telefônicos com a parte administrativa de cada instituição ou visto por pesquisa, os contatos telefônicos foram realizados durante o percurso do trabalho aqui apresentado, e isso é muito complexo, porque tentar efetivar o curso como uma carreira de nível superior ou tecnológico advém de custos em momentos que muitas mulheres precisam dos seus soldos para outros focos, haja vista o comprometimento financeiro da mulher solo em tempos atuais.

E o valor de patrocínio ou parceria influencia na minha opinião na qualidade de conteúdo a ser estudado.

O que se observou nessas entrevistas é que existia uma curiosidade entre as ex-alunas, talvez um medo ou receio de entrar numa área de atuação masculina, todavia nem todas tiveram ou continuaram atuando na área, e o ponto principal relatado e unanime foi a questão do preconceito e julgamento profissional diretamente ou indiretamente.

Sem dúvidas é um tema a ser acolhido e a ser refletido, porque são mulheres de diferentes idades e, ao imaginar se as mesmas tivessem essa oportunidade antes como estaria financeiramente? Emocionalmente? Profissionalmente? Pessoalmente como auto estima? Um retrato que apesar de tantas tecnologias, estudos e progresso ainda há vários pontos que precisam ser modificados e trazidos a prática, não somente as discussões acadêmicas.

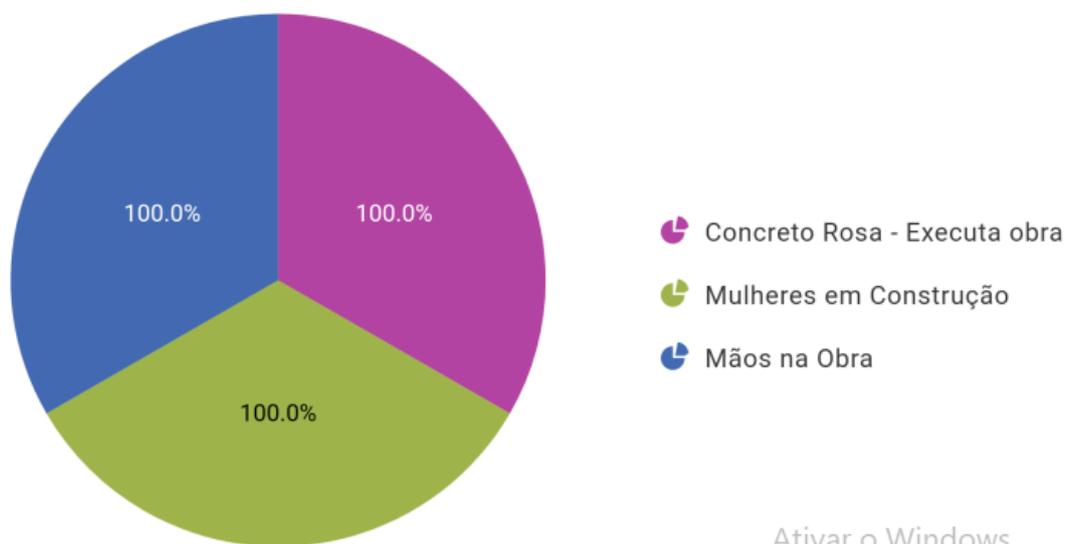
#### 5 ANÁLISE COMPARATIVA

Observa-se que cada estudo de caso trata de forma positiva com cursos voltados para execução na construção civil, só que com uma peculiaridade, o estudo de caso 01 traz a qualificação da mão de obra como curso profissionalizante, o estudo de caso 02 trata além dessa área a união com todas as profissionais da área de construção como engenheiras e arquitetas e mestre de obra, todas de gênero feminino para atuar como empreendedoras na execução, e o estudo de caso 03 traz além disso o conceito de empoderamento dessas mulheres trabalhando a questão de estima e auto valorização.

Segue uma análise comparativa em termos de gráficos para ilustrar o que foi pesquisado nas instituições de ensino estudadas.

- A seguir observa-se o quantitativo em percentual sobre os três estudos de caso e o treinamento da aluna saindo da teoria e colocando a “mão na massa” e foi observado que todos os estudos propuseram essa etapa importante de aprendizado.

### Treinamento

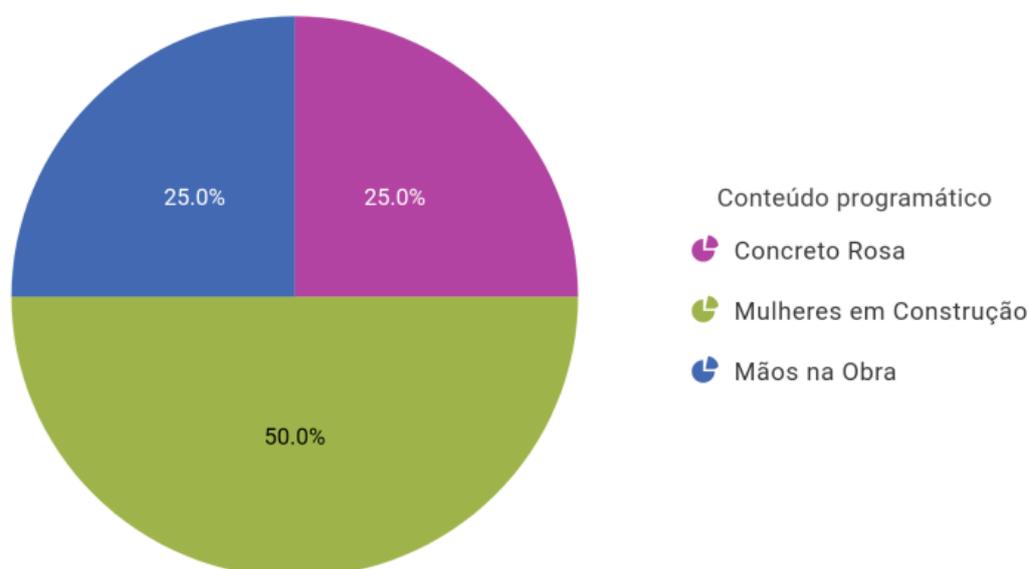


Esse comparativo dos três estudos de caso referente ao treinamento, retrata que todos proporcionam a parte prática do que ensinam ou palestram, desde de um simples workshop com poucas horas, como um curso mais elaborado, todos os estudos fazem aulas práticas ou demonstrações práticas sobre os assuntos na área da construção civil, e apesar do limitante de

quem patrocina, existe uma maior “intimidade” com o assunto a ser aprendido além da parte teórica que é fundamental.

- A seguir observa-se o quantitativo em percentual sobre os três estudos de caso e a questão dos conteúdos programáticos ensinados, assuntos adversos como por exemplo, entre outras abordagens, e foi observado que o Curso Mulheres em Construção está prestando até o momento que foi solicitado a melhor abrangência de conteúdo.

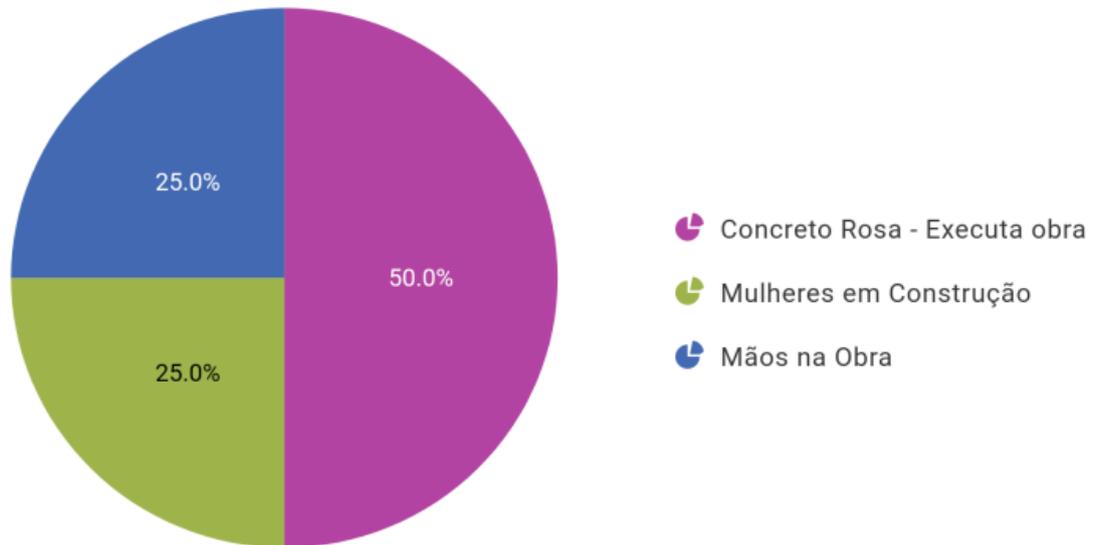
### Conteúdo Programático e extra



Esse comparativo dos três estudos de caso referente ao conteúdo programático, retrata que o curso mulheres na construção destaca se entre os demais estudos de caso, porque proporciona em seus conteúdos uma abrangência maior que os demais, além das áreas técnicas de aprendizado teórico e prático, possui uma linha de aprendizagem ligada a autoestima e ao empoderamento, trazendo mais segurança e auto estima das mulheres em ambientes difíceis em relação a construção civil, especificamente aos canteiros de obra.

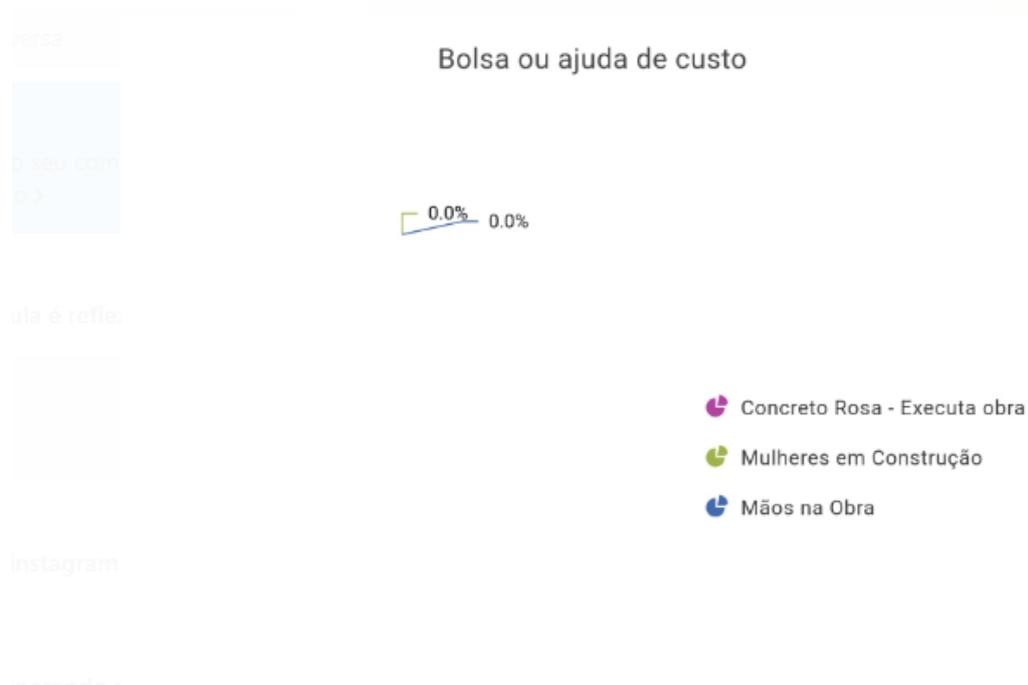
- A seguir observa-se o quantitativo em percentual sobre os três estudos de caso e a questão de encaminhamento profissional, algo importante e fundamental e foi observado que o curso Concreto Rosa, além de dar esses cursos é o que mais aproveita sua mão de obra qualificada e executa trabalhos.

## Encaminhamento profissional



Esse comparativo dos três estudos de caso referente ao encaminhamento profissional, retrata que o curso concreto rosa destaca se entre os demais estudos de caso, porque absorve em seu escritório de execução de projetos e obras as formadas, um escritório que possui desde mestre-de-obras feminina, inclusive esse cargo é o da proprietária do concreto rosa, como também engenheiras e arquitetas, pintoras, ladrilheiras, eletricitas, entre outras, todas mulheres.

- A seguir observa-se o quantitativo em percentual sobre os três estudos de caso e a questão de ajuda de custo, algo importante e fundamental que proporciona o deslocamento das alunas e até o lanche das mesmas, e foi observado que nenhum dos cursos tem essa iniciativa.



Esse comparativo dos três estudos de caso referente a bolsa ou ajuda de custo, retrata que todos não proporcionam esse benefício, todavia os patrocinadores em sua maioria doam os instrumentos ou ferramentas de uso para os cursos específicos, observa-se infelizmente que não existe o custeamento do deslocamento como passagens de ônibus ou metrô para local do curso, junto com uma bolsa em dinheiro/valores financeiros pagos mensalmente para ajuda de lanche/custos extras, que é fundamental para manutenção de uma trabalhadora braçal em seu aprendizado.

Por fim, os gráficos mencionados dos três estudos de caso trazem uma reflexão sobre a questão do que existe atualmente como referência de cursos voltados para as mulheres na construção civil, seus avanços e ainda as suas possibilidades, pontos peculiares como a questão da carga horária que varia muito, e com isso varia também o nível de aprofundamento da matéria ou crédito a ser estudado, outro ponto é o apoio financeiro para suprir as necessidades básicas ou até o kit fundamental para as aulas práticas, que em todos os estudos de caso necessita de patrocinadores, e no contexto mais aprofundado, influencia totalmente no que será transmitido, não foi observado um encaminhamento profissional direto, e somente um dos estudos, proporciona essa absorção da mão de obra em seu próprio instituto.

Todos os estudos tiveram pontos a serem apreciados por sua notoriedade nessa área, existe uma questão de “profissionalizar” mais ainda essa mão de obra e esse é um dos pontos que é a comprovação de uma carga horária que transmita segurança e profissionalismo a esta profissional.

## 6 PROPOSTA E LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A proposta de cursos para este público é essencial, ao analisar os estudos de caso, propõe-se cursos com carga horária média de 240 até 380 horas aula, que abranjam não só a parte de execução em si, como outros assuntos voltados para que uma profissional autônoma ou liberal.

Distribuído em aproximadamente 01 (um) ano para ser cumprida de forma presencial com estágio obrigatório, haja visto a globalização e todo esse sistema trabalhista existente.

Cursos que vão mostrar não só o desempenho surpreendente dessa profissão crescente no mercado atual, e se possível com encaminhamento direcionado para o estágio, sendo mais um leque e uma possibilidade nesse novo mercado profissional.

Entre estes cursos pode-se destacar:

### **Eletricista**

As eletricitas podem atuar em práticas de segurança inovadoras, adotando tecnologias de ponta e liderar equipes diversificadas, e obter o certificado de Normas Regulamentadoras, tornando-se profissionais completas e altamente qualificadas no mercado de trabalho.

### **Pedreira**

As pedreiras podem atuar em habilidades analíticas, organizacionais e na capacidade de comunicação, provando que a igualdade de gênero é essencial para o progresso da indústria. Sua determinação, habilidade e resiliência são reconhecidas e valorizadas, contribuindo para um futuro mais inclusivo e equitativo na construção civil.

### **Mestre de Obras**

Como Mestres de Obras, essas mulheres podem atuar liderando equipes de construção com habilidade e excelência. Elas demonstram uma combinação única de conhecimento técnico, habilidades de gestão e capacidade de resolver problemas, garantindo que os projetos sejam concluídos com eficiência e qualidade.

### **Pintora**

As mulheres profissionais da pintura podem desempenhar um papel vital na garantia da qualidade e excelência nessa importante fase da construção. Seja através do domínio de técnicas especializadas, aderência a normas rigorosas ou liderança na inovação sustentável.

### **Aplicadora de Porcelanato Líquido**

Essas profissionais podem atuar e aprender um papel fundamental na transformação de espaços, elevando o design de interiores a novos patamares de criatividade e sofisticação. A combinação de conhecimento técnico, criatividade e compromisso com a qualidade têm como resultados obras que impressionam.

### **Especialista em Reparos e Reformas**

Essas mulheres podem atuar na manutenção e aprimoramento de edifícios residenciais e comerciais, as especialistas em reparos e reformas possuem conhecimento técnico rico em diversas áreas da construção, incluindo alvenaria, carpintaria, hidráulica, elétrica e pintura. A sua experiência prática permite diagnosticar problemas, planejar e executar reparos com precisão e eficiência, garantindo a segurança e funcionalidade dos ambientes.

### **Instaladora de Pisos Vinílicos e Laminados**

Exercendo um papel fundamental as mulheres podem atuar na transformação e melhoria de espaços residenciais e comerciais, as instaladoras de pisos vinílicos e laminados possuem um conhecimento especializado das técnicas de instalação específicas para esses materiais que requerem precisão e atenção meticulosa aos detalhes. As instaladoras são habilidosas em medir, cortar e encaixar os materiais de forma precisa, garantindo um acabamento impecável em todas as áreas do ambiente, além de compreender as características únicas de cada tipo de piso, bem como os requisitos de preparação da superfície e os métodos adequados de instalação.

### **Planejadora e Orçamentista de Obras**

Como planejadoras e orçamentistas de obras, elas podem atuar no setor da construção, garantindo a eficiência e precisão na gestão de recursos e custos. Suas habilidades técnicas, analíticas e capacidade de comunicação são essenciais para o planejamento estratégico, estimativa de custos e gerenciamento financeiro dos projetos. Como profissionais nesse setor, elas deixam uma marca duradoura e positiva na indústria, contribuindo para o sucesso e a sustentabilidade de empreendimentos de construção.

O tema “As mulheres e os cursos de execução de obra no campo da construção civil a partir de sua relação com a cidade, arquitetura, engenharia e estudos de caso” é limitado aos cursos propostos que possibilitam a profissional no campo da construção civil um maior mercado de trabalho, dentro da cidade, arquitetura e engenharia.

Ressaltar o Projeto de Lei 5358/20 que tramita no congresso e propõe destinar 5% das vagas em obras para mulheres, uma iniciativa essencial para promover equidade nas oportunidades.

Assim, mostra as questões de gênero feminino como também o recorte da pesquisa.

## **7 RESULTADOS**

O resultado final desse estudo que retratou desde um breve histórico de grandes mulheres e o seu papel fundamental na sociedade não só como profissional, mais como ser

único com vontades e peculiares independentes do meio que vivenciavam, sendo muitas instrumentos diretos ou indiretos atuando incansavelmente na luta de classes pelo empoderamento feminino, paralelamente as pesquisas bibliográficas, com base de livros, jornais, artigos e reportagens trouxeram junto com o objetivo geral do estudo e os objetivos específicos a certeza que a hipótese trazida foi amplamente discutida em diversos pontos, como estudos que trataram a questão da mulher em pontos cruciais da humanidade, cito como exemplo a globalização e a pandemia Covid-19.

Os Estudos de Casos foram fundamentais para essa apropriação de entendimento, no qual observa-se as inúmeras possibilidades na área para a questão profissional da área da mulher *versus* construção civil, seu espaço junto a cidade e a força incansável de não parar, não retroceder e seguir.

Observou-se outros pontos que poderiam ser melhorados nesses estudos de caso, como o encaminhamento profissional obrigatório, ou seja, estágio e a certificação com carga horária mínima para curso superior ou qualificação para que se possa ter o reconhecido pelo sistema de ensino atual vigente no Brasil.

## 8 CONCLUSÕES

O livro apresentado trouxe uma perspectiva diferente sobre este tema e inclusive na busca de materiais de estudo, sendo tudo muito complexo e novo, uma incansável busca para

criar um ponto mínimo e entender os desafios em construir um espaço sem gênero ou ordem patriarcal, e, portanto, sem hierarquias.

Tentar tratar o espaço que habitamos e a questão essencial da equidade, referente a mulher, não só na área profissional, como familiar é tornar visível as diferenças desses espaços para todos, e tratar a valorização das visões, conhecimentos e experiências.

Outro ponto é ressignificar a construção de nossas cidades, novas profissões, novas linhas de estudo e a partir das experiências formar a realidade que homens e mulheres têm em volta da área da construção civil, com seus tabus e preconceitos.

A área de engenharia, construção civil, canteiros de obra e até a finalização dos acabamentos são de “propriedade” masculina, ambientes de grande pressão e impossibilidades de erros, com o comparativo da força braçal dificultaram o avanço de forma mais impactante as mulheres que antes limitavam-se a servir café ou fazer a limpeza da obra.

Uma pesquisa em relação as mulheres e a questão patriarcal, a sua capacidade profissional, desafios, e até estudos de casos aqui retratados, foram objetos palpáveis para esse estudo que tem tantos pontos a serem discutidos e relacionados que parecem um grande quebra-cabeça, e foi mesmo. No entanto o que se foi visto neste trabalho é que apesar de tantas barreiras não impediram os grandes avanços da presença feminina na construção que são resultado de anos de batalha de grandes mulheres por mais espaço.

Nesse mercado cada vez mais competitivo, mulheres voltadas a cuidarem de suas casas, filhos e maridos, por inúmeras necessidades ou situações hoje procuram e atuam em profissões cada vez mais específicas e antes “fechadas” ao público masculino, cito especificamente a área da construção civil, hoje a mulher sai de casa para complementar seus ganhos ou até sustentar sua família.

O objetivo do estudo foi alcançado e abre espaço para um tratamento pessoal, familiar e principalmente profissional igualitário, cuja função exercida por um homem pode perfeitamente ser exercida por uma mulher, caso a mesma almeje.

Conclui-se que apesar das dificuldades da mulher no seu tempo, cidade, arquitetura e em grandes desafios como na área da construção civil, certifico que em todo o momento mesmo sendo subjugada em um sistema a mulher lutou... E não vai parar.... Na área que almejar.

#### REFERÊNCIAS

ABRITTA, Daniela. Entrevista com Zaida Muxí Cidade, política e gênero. Vitruvius. 075.02ano 19, set. 2018

ANNIS, Barbara; GRAY, John. *Trabalhando Juntos - Homens e Mulheres inteligentes colaborando e vencendo*. 1 ed. São Paulo. Paralela. 2009.

ARANTES, Otília. VAINER, Carlos e MARICATO, Ermínia. *A Cidade do pensamento único – Desmanchando consensos*. Petrópolis. Vozes. 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As consequências humanas*. 1 ed. Rio de Janeiro. 1999.

CADERNO ECONOMIA. *Mesmo nos países ricos, só metade das mulheres está no mercado de trabalho*. *Jornal O Globo*. Publicado em 20/06/2017.

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. *História da Profissão Docente no Brasil e Portugal*. 1 ed. CAU-DF. *Primeiro diagnóstico Gênero na Arquitetura e Urbanismo*. Point. Brasília. 2020. Disponível em link: [caubr.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DIAGNÓSTICO-integra.pdf](https://caubr.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DIAGNÓSTICO-integra.pdf). Acesso em 13 de jun. de 2024.

CONCRETO ROSA. *Consultoria e projetos, Reformas e Reparos, Oficinas e palestras*. Disponível em Link: <https://www.concretorosa.com.br>. Rio de Janeiro. 2022. Acesso em 06 de dez. 2022.

COUTINHO, M.L. *Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

FEDERICI, Silvia. *Caliba e a bruxa – Mulheres, corpo e acumulação*. 2 ed. São Paulo. Elefante. 2023.

FEDERICI, Silvia. *O Ponto zero da Revolução, trabalho doméstico, reprodução e luta feminista; tradução de coletivos sycorax*. São Paulo. Elefante. 2019.

FERNANDES, Rafaela Baldi. *Mulheres na Engenharia Civil - Lugar de mulher é onde ela quiser*. 1 ed. Curitiba. Appris. 2021.

FILHO, Nestor Goulart Reis. *Quadro da Arquitetura do Brasil*. 12 ed. São Paulo. Perspectiva. 2014.

GONZAGA, Terezinha de Oliveira. *A Cidade e A Arquitetura Também Mulher, Planejamento Urbano, Projetos Arquitetônicos e Gênero*. Biblioteca da FAUUSP, capítulo 04, pp.74-101. Brasília. 2004.

HIRATA, Helena; MARUANI, Margaret. *As Novas Fronteiras da Desigualdade - Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho*. 1 ed. São Paulo. 2003.

IFB. *CURSO MULHERES NA CONSTRUÇÃO – IFB (Instituto Federal de Brasília)*. Brasília. 2012. Disponível em Link: <https://www.ifb.edu.br/samambaia/5627-programa-mulheres-na-construcao-forma-terceira-turma>. Acesso em 04 de maio 2024.

KERN, Leslie. *Cidade feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. 1 ed. Rio de Janeiro. Oficina Raquel. 2021.

MCCULLOUGH, David G. The great bridge. New York: Simon and Schuster, 1972. 1 ed. New York. Brooklyn Bridge 2018.

MÜLLER-PALNTENBERG, C.; AB'SABER, A. N. (orgs.). Previsão de Impactos: o estudo de impacto ambiental no leste, oeste e sul. Experiências no Brasil, na Rússia e na Alemanha. 2 ed. São Paulo: Edusp. 1996.

MULHER EM CONSTRUÇÃO. Inclusão da mulher periférica no mercado de trabalho. Rio Grande do Sul. 2020. Disponível em Link: <https://www.mulheremconstrucao.org.br/>. Acesso em 30 de set.de 2023.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Brasília. 2015. Disponível em Link: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em 04 de maio 2024.

OTÍLIA, Arantes; VAINER, Carlos e MARICATO, Ermínia. Petrópolis. 1 ed. Vozes. 2000.

PAREJA, Daniela Garcia Sarmiento e BANKHARDT, Flávia Andressa. Cidades inclusivas para as mulheres: da história das mulheres às transformações no espaço da cidade. Revista nodo 14(28), pp. 86-102. 2020.

PROJETO MÃO NA MASSA. Mulheres na Construção Civil. Rio de Janeiro. 2020. Disponível em Link: <https://www.projetomaonamassa.org.br>. Acesso em 06 de dez. 2022.

REIS, Camila Guerreiro. O Lugar das Arquitetas na Arquitetura Contemporânea. FAUUSP. 2020.

RODRIK, Dani. A Globalização foi longe demais? 1 ed. São Paulo. Unesp. 2013.

RONILK, Raquel. O que é cidade. Editora Brasiliense. 3 ed. São Paulo. 1994.

Sánchez, Fernanda. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e regionais. N. 4. Petrópolis. 2001.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. Sem parar: O trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Relatório de pesquisa da equipe da sempreviva organização feminista. São Paulo. 2020.

SIENGE. Entrevista em blog <https://www.sienge.com.br/blog/perfil-da-construcao-marcia-cristina/>

VÁRIOS AUTORES. Entre Arquitetas, Cidades e Feminismo. (Livro eletrônico): pesquisas do observatório amar é linhas/organização Carolina Pescaroti, Maribel Aliaga. 1 ed. Brasília-DF. Lasus - FAU: Editora Universidade de Brasília. 2022.

ZAIDA, Muxi Martínez. Mujeres, casas y ciudades. Más allá del umbral.1 ed. Barcelona.2018.

ANEXOS

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** AS MULHERES INFLUENTES NO CAMPO DA CONSTRUÇÃO CIVIL A PARTIR DE SUA RELAÇÃO COM A CIDADE E A ARQUITETURA E ESTUDOS DE CASO

**Pesquisador:** Yone Roberta de Souza

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 78640324.2.0000.0023

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.809.298

**Apresentação do Projeto:**

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.

O estudo apresenta uma visão sobre a importância das mulheres, um breve histórico de sua relação com a cidade, espaço, e a área de atuação na construção civil, traz também exemplos de mulheres que fizeram a diferença em uma área predominantemente masculina e três estudos de caso sobre cursos para aperfeiçoamento dessa mão de obra na área de execução civil.

O projeto contém tópicos essenciais como Resumo, Introdução, Objetivo, Metodologia cronograma e Referências Bibliográficas.

Trata-se de um estudo do tipo longitudinal.

Critérios para selecionar os participantes: não cita diretamente, mas parece ser amostra por conveniência (A pesquisadora cita que foi professora das alunas anteriormente)

Descrição dos participantes: Alunas do Programa Mulheres na Construção.

Procedimento: A entrevista será realizada via telefone.

**Objetivo da Pesquisa:**

A pesquisa possui objetivo primário e objetivos secundários.

**Endereço:** SEPN 707/807 - Bloco G, sala 6.206, 2º andar

**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (071)3960-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 6.009.260

**Objetivo primário:** Fomentar o desenvolvimento dos cursos de capacitação direcionados para mulheres na área da construção civil, estimulando assim a contratação por empresários ou população comum.

**Objetivos secundários:** Relatar um breve histórico das mulheres na área da construção civil, analisar pontos que abrangem a mulher junto a sociedade e seu papel, fornecer estudos de caso para aperfeiçoamento profissional na área da construção civil.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Em relação aos riscos, é exposta a questão patriarcal e a equidade ainda a ser debatida e levada aos cantos de obra.

Em relação aos benefícios, diz que área profissional amplamente disponível para mulheres mediante a cursos de capacitação e fomentação dessa nova profissão ainda crescente no Brasil.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa tem relevância, porém alguns pontos necessitam de especificação.

É importante especificar melhor o critério de seleção, não ficou claro que as 3 mulheres a participar são ex alunas da pesquisadora ou se serão selecionadas entre todas as mulheres pertencentes do Programa Mulheres na Construção.

Como foram disponibilizados TCLE com o nome das participantes, esse esclarecimento é necessário.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Em relação as demais documentações obrigatórias fornecidas:

- a) Folha de Rosto: está correta constando todas as informações necessárias.
- b) Projeto original: é importante especificar como será o procedimento para chamar as voluntárias a participar do projeto.
- c) Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido: Consta o termo, porém não é comentado o momento a ser aplicado, e se será presencialmente ou virtualmente. Uma vez que a entrevista ocorrerá via telefone, caso o termo seja enviado de forma virtual ele precisa ser adaptado.

Endereço: SEPN 70760-7 - Bloco G, sala 6.205, 2º andar  
Bairro: Setor Universitário CEP: 70.760-075  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (071)3965-1511 E-mail: cap.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 6.809.218

**Recomendações:**

Após o envio da carta resposta em 07/05 com todos os esclarecimentos solicitados, não mais constam pendências, estando a pesquisa apta a iniciar a coleta de dados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após o envio da carta resposta em 07/05 com todos os esclarecimentos solicitados, não mais constam pendências, estando a pesquisa apta a iniciar a coleta de dados.

O CEP-UnICEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais das Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco; II - desenvolver o projeto conforme delineado; III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e finais; VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Protocolo previamente avaliado, com parecer homologado em 07/05/2024, pela coordenadora do CEP-UnICEUB após o envio das respostas por e-mail, das pendências solicitadas na 6ª Reunião Ordinária de 2024, ocorrida em 19 de abril.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: SE PM 70160-7 - Bloco G, sala 6.206, 2º andar  
Bairro: Setor Universitário CEP: 70.160-075  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (071)3995-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 6.809.280

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	Carta_de_Envio_de_Pendencias.docx	07/05/2024 11:55:55	Marilia de Queiroz Dias Jacome	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P ROJETO_2308951.pdf	03/04/2024 09:43:43		Aceito
Folha de Rosto	FR_Assinada.pdf	03/04/2024 09:43:33	Yone Roberta de Souza	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P ROJETO_2308951.pdf	22/03/2024 08:40:59		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	tema.doc	22/03/2024 08:39:50	Yone Roberta de Souza	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	tema.doc	22/03/2024 08:39:50	Yone Roberta de Souza	Postado
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimentoENTREVISTADA 03.docx	22/03/2024 08:36:37	Yone Roberta de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimentoENTREVISTADA 03.docx	22/03/2024 08:36:37	Yone Roberta de Souza	Postado
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimentoENTREVISTADA 02.docx	22/03/2024 08:35:55	Yone Roberta de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimentoENTREVISTADA 02.docx	22/03/2024 08:35:55	Yone Roberta de Souza	Postado
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimentoENTREVISTADA 01.docx	22/03/2024 08:34:54	Yone Roberta de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimentoENTREVISTADA 01.docx	22/03/2024 08:34:54	Yone Roberta de Souza	Postado
Folha de Rosto	folhaDeRostoC.pdf	22/03/2024 08:30:00	Yone Roberta de Souza	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoC.pdf	22/03/2024 08:30:00	Yone Roberta de Souza	Postado

**Situação do Parecer:**

Endereço: SEPN 203/907 - Bloco G, sala 6.206, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.190-875

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (071)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br